

# Correio das **Artes**

ANO  
LXXV

Nº  
**2**



Abril  
R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



ILUSTRAÇÃO: TONIO

## Zé Marcolino

Um perfil do autor  
de 'Numa sala de  
reboco', que será  
celebrado no 7º Festival  
de Música da Paraíba

E ainda: a passagem de  
Cátia de França, outra  
homenageada  
do evento, pelos festivais de  
música do Nordeste

Suplemento  
literário  
do Jornal A União  
**2024**

# VOCÊ, AUTOR PUBLICADO

marketing EPC



Junte-se ao melhor da literatura paraibana.  
Publique seu livro na **Editora A União**.

Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra e, claro, de você em autor publicado.

Entre em contato e agende uma conversa:  
(83) 99363-7083



EDITORA

**A UNIÃO**

# A era dos festivais

Cátia de França, cantora e compositora paraibana de 77 anos, afirma que os festivais de música são como um terremoto, com força para tirar artistas da zona de conforto. Ela sabe o que diz, afinal a própria Cátia participou de inúmeros festivais quando ainda batalhava o reconhecimento pela sua arte.

Por isso, é significativo que hoje, mais de 50 anos depois do início dessa trajetória, ela seja homenageada pelo Festival de Música da Paraíba, certame que, em 2024, chega à sétima edição.

Cátia de França representa uma inovação no festival: a partir deste ano, o evento passa a ter dois homenageados, um já falecido e, outro, em vida, caso de Cátia de França que vai coroar a final do festival, dia 8 de junho, com show em que mistura seus clássicos a canções do novo disco, *No Rastro de Catarina*, que acaba de sair.

O Correio das Artes aproveitou esse

O Correio das Artes aproveitou esse união para brindar o leitor com duas reportagens, uma sobre a passagem de Cátia de França pelos festivais nordestinos e, outra, sobre o novo trabalho

união para brindar o leitor com duas reportagens, uma sobre a passagem da cantora pelos festivais nordestinos e, outra, sobre o novo trabalho, ambas com depoimentos exclusivos da cantora, retirados de uma entrevista que ela concedeu ao repórter e editor geral André Cananéa, por telefone, em abril deste ano.

A edição abre, entretanto, com uma longa matéria da repórter Alexandra Tavares sobre a trajetória de Zé Marcolino, cantor e compositor, morto em 20 de setembro de 1987 em decorrência de um acidente de carro. Deixou, entretanto, um legado que é reverenciado pelos entrevistados ouvidos pela reportagem, músicos, jornalistas e a filha do artista, e que precisa ser amplamente conhecido.

Com esse material, o leitor tem um guia especial para o 7º Festival de Música da Paraíba. Prestígio.



SECRETARIA DE ESTADO  
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória  
Diretora Presidente

William Costa  
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda  
Diretora Administrativa,  
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão  
Diretor de Rádio e TV

Correio  
das  
Artes

André Cananéa  
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio  
Diagramação

Domingos Sávio  
Arte da capa

Tonío  
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos e ilustrações autorais deste publicação, sem prévia e expressa autorização do autor e/ou da EPC, exceto para uso e arquivo estritamente pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

## Índice

### 17 / disco

Cátia de França fala, com exclusividade, sobre o disco 'No Rastro de Catarina', recém-lançado nas plataformas digitais, com 12 faixas escritas pela paraibana ao longo dos últimos 60 anos.

### 20 / resenha

Historiador campinense Bruno Gaudêncio avalia livro que narra a presença Editora Alfa-ômega no contexto da ditadura militar, explorando sua relevância dentro do panorama editorial do país.

### 24 / coluna

Hildeberto Barbosa Filho se debruça sobre 'A Paraíba e Seus Problemas', de José Américo de Almeida, reeditado junto com um volume que reúne a fortuna crítica da obra.

### 30 / ensaio

Professora da UERN, Ana Monique Moura mergulha nas obras 'Catatau', de Paulo Leminski, e 'Descartes na Capitania da Parahyba', de José Flávio da Silva, para refletir sobre o filósofo francês René Descartes.

### 32 / perfil

Em depoimento ao poeta Sérgio de Castro Pinto, o escritor José Marques Sarmento relembra sua trajetória, desde a partida de Sousa, na Paraíba, até se estabelecer em São Paulo, onde está radicado até hoje.

### 38 / livro

Professor no curso de Comunicação da UFPB, Artur Maia traduz a essência do disco 'Sobrevivendo no Inferno', dos Racionais MC's, um marco na música brasileira.

# Todo tempo para lembrar dele é pou

## A autenticidade e talento de **José Marcolino**

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

Teve uma época no Nordeste do Brasil que era comum presenciar pessoas - amigas, aparentadas ou agregadas -, se confraternizando em torno do reboco de uma casa de taipa. Enquanto essa lida se prolongava durante o dia, alguns desses convivas aproveitavam para dançar, tocar ou mesmo prosear. E foi em um evento como esse que o cantor, compositor e poeta paraibano José Marcolino Alves (1930-1987) chamou a mulher amada para um arrasta-pé. Porém, diante da impossibilidade de cortejá-la ante a vigília dos irmãos da moça, ele teve que ir para casa sozinho, levando na cabeça não apenas a cor do vestido dela, mas a letra de um dos seus mais famosos xotes - 'Numa sala de reboco'.

A canção ficou famosa na voz de Luiz Gonzaga, Dominginhos e Quinteto Violado, apenas alguns dos intérpretes mais ilustres que gravaram as composições desse artista sumeense, que dá nome a praças, escolas, logradouros e será homenageado no 7º Festival de Música da Paraíba, promovido pelo Governo do Estado por meio da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Fundação Espaço Cultural (Funesc) e Secre-

taria de Comunicação (Secom).

A inspiração para compor 'Numa sala de reboco' foi descrita várias vezes pelo próprio Zé Marcolino, hábil contador de causos e mestre na criação de canções, sobretudo com identidade nordestina. Graças à tecnologia dos dias de hoje, a história que o levou a criar o xote está registrada na internet para qualquer um conferir o talento desse paraibano (acesse o QR Code da página e confira o vídeo com Zé Marcolino).

O poeta e compositor faleceu aos 57 anos, em um acidente de carro em Pernambuco, estado onde fixou morada, mais precisamente em Serra Talhada. Para os que o conheceram, sobretudo na vida artística, um talento que se foi precocemente, mas que deixou seu legado na cultura nacional.



Através do QR Code acima, confira o próprio Zé Marcolino falando sobre o processo de criação de 'Numa sala de reboco'

CO

FOTO: ARQUIVO DA FAMÍLIA MARCOLINO

**Autor do clássico  
xote 'Numa  
sala de reboco'  
é o grande  
homenageado  
do 7º Festival  
de Música da  
Paraíba**

Uma dessas pessoas é Marcelo Melo, último integrante da formação original do Quinteto Violado. “Considero Zé Marcolino um compositor de grande importância para a música regional brasileira, pela sua qualidade musical e poética. Muito rico na tradução dos elementos culturais do Nordeste. Sua contribuição foi muito expressiva, nos vários gêneros e ritmos, incluindo ainda as toadas e canções nordestinas, além do forró.”

Ele afirmou que o Quinteto convidou Zé para gravar o xote com o grupo em 1986, porque acreditava na beleza da obra do paraibano, não apenas como compositor, mas também como cantor. “Gonzagão, embora tenha gravado vários trabalhos dele, falava que Marcolino tinha um vozeirão muito difícil de emplacar em disco. Mas, com os arranjos e tratamento musical do Quinteto Violado, conseguimos mostrar um cancionista nordestino da melhor estirpe”, disse, numa referência ao pensamento de Luiz Gonzaga sobre o paraibano.

O músico, compositor e cantor paraibano não escondeu a satisfação de ter trabalhado com Marcolino, e disse que, no ano dessa produção, o Quinteto Violado levou Zé Marcolino para os shows do grupo. “Viajamos com o poeta pelo Brasil, e ele foi muito bem recebido. Trouxe momentos de muita alegria no palco, com o seu humor, pitoresco, picaresco e muito rico de identidade brasileira”, acrescentou Marcelo.

Para Marcelo, essa convivência foi uma troca de experiência muito rica, pois Marcolino “tinha tudo o que o Quinteto Violado sempre defendeu em sua proposta: uma valorização do homem por meio de sua criatividade poético-musical”. “Suas composições são carregadas de muita verdade e muita identidade. Estivemos juntos, aprendemos e convivemos com um dos mais autênticos artistas da nossa história musical”, reforçou.

Mas não foi apenas o Quinteto Violado que carregou Zé Marcolino para as apresentações artísticas. O próprio Luiz Gonzaga o convidou a morar no Rio de Janeiro, na casa dele. O primeiro contato entre os dois, porém, não foi tão amigável. Quando ainda era um artista anônimo, ou conhecido somente no reduto paraibano, Marcolino acalentava o sonho de ter suas músicas gravadas por Seu Lua, o Rei do Baião.

E para tentar se aproximar de Gonzagão, lhe escreveu várias cartas, porém,

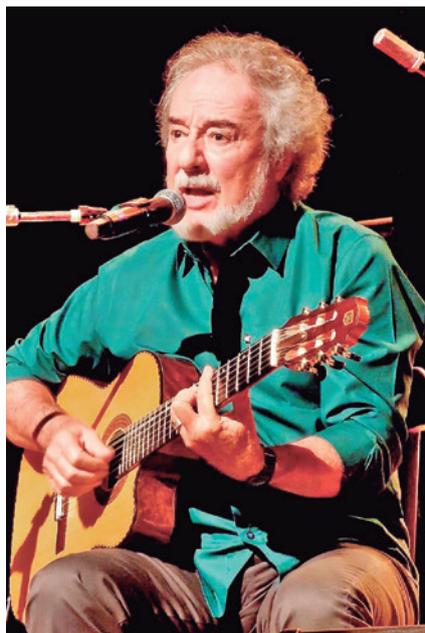


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Marcelo Melo conta que Zé Marcolino gravou e até excursionou com o Quinteto Violado: paraibano tinha tudo o que o grupo sempre defendeu em sua proposta artística



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Fátima, a primogênita de Zé Marcolino, lembra da relação do pai com Luiz Gonzaga, que abrigou o paraibano no Rio de Janeiro: “Ele não gostou da cidade”

sem retorno. Certo dia, correu a notícia de que o Rei do Baião havia se hospedado em um hotel na Paraíba. “Seu Luiz (Gonzaga) conheceu meu pai em Sumé”, disse a poeta e compositora Fátima Marcolino, a primogênita de Zé Marcolino, em entrevista ao **Correio das Artes**.

Fátima contou que quando Gonzagão firmou parada em um hotel no município de Sumé, terra onde Marcolino nascera e se criara, o poeta foi conversar com o cantor pernambucano. “Seu Luiz (Gonzaga) foi fazer um show lá e pai foi procurá-lo no hotel pra conhecê-lo. Isso se deu mais ou menos em 1961, porque ele foi para o Rio com Seu Luiz em 1962.”

Quando chegou no hotel, o autêntico sertanejo não fez rodeios e foi logo perguntando ao Rei do Baião se ele não tinha recebido as cartas que havia lhe endereçado. Como Luiz Gonzaga não demonstrou nenhum conhecimento desse fato, Zé foi logo cortando conversa e a despedida ocorreu ali mesmo.

“Meu pai ficou abusado, não queria mais voltar no hotel, mas uma pessoa insistiu e depois ele voltou. Aí Seu Luiz, mais receptivo, pediu para meu pai cantar uma das músicas, e ele cantou. Então, Seu Luiz perguntou: ‘O senhor vai me dar quantas músicas?’ Meu pai disse: ‘Quantas o senhor quiser’. Aí, logo depois, em 1962, Seu Luiz levou meu pai para o Rio”, contou Fátima Marcolino.

Foram nove meses na Cidade Maravilhosa, longe da terra natal, compondo para Seu Luiz, o acompanhando em algumas apresentações, e com saudade

de casa. Na ida para o Rio, Marcolino deixou para trás a esposa, Maria do Carmo Alves, e os sete filhos - Maria de Fátima, José Anastácio, Maria Lúcia, José Ubirajara (Bira), José Walter, José Paulo e José Itagibá.

“Foi nesse tempo que meu pai compôs ‘Matuto aperriado’, porque ele se queixava da falta de casa e da família, ele era muito regional. Seu Luiz queria que ele levasse a gente pra o Rio, mas Zé Marcolino não quis, até porque não estava gostando de lá, que era bem diferente do Sertão”.

Ela lembrou que nessa época, Gonzagão lançou o LP *Ô Veio Macho* e nele estão seis músicas de José Marcolino. Uma delas é ‘Pássaro carão’, uma das grandes composições do paraibano, assim como ‘Sertão de aço’, ‘Serrote agudo’, ‘No Piancó’, ‘A dança do Nicodemus’ e ‘Matuto aperreado’.

Apesar de Zé Marcolino não ter fixado residência no Rio de Janeiro, deixando para trás, talvez, uma maior possibilidade de estrelato, nunca mais se afastou de Luiz Gonzaga, pois foram mais do que simples companheiros de trabalho. “Seu Luiz ainda gravou músicas do meu pai até 1980, 1983, por aí. Os dois se admiravam e se respeitavam muito e quando meu pai sofreu o acidente, Seu Luiz sentiu demais”, declarou a compositora.

O episódio do encontro entre os dois foi registrado no livro *O Fole Roncou! Uma História do Forró* (Zahar), de Carlos Marcelo e Rosaldo Rodrigues, e pode

ser conferido no quadro publicado nessa reportagem, com depoimento exclusivo de Carlos Marcelo.

Seguindo a carreira de compositora e poeta como o pai, Fátima trabalha em parceria com o irmão Bira, que se dedicou ao canto. Ela declarou que tem composições gravadas por vários artistas, com destaque para 'Siá filiça'. "Essa música, na minha carreira, é como se fosse minha 'Numa sala de reboco', pois foi gravada por muita gente, mas ficou eternizada na voz de Santana e diz assim: 'Cadê a lenha da fogueira Siá Filiça/ Cadê o milho pra assar/Cadê aquele teu vestidinho de chita/Que tu vestia pra dançar'... Antes da pandemia, essa música estourou no São João de Pernambuco", afirmou Fátima, acrescentando que Siá Filiça era uma moradora folclórica da cidade de Prata (PB), cidade onde a família morou e que marcou a infância dela.

Sobre o dom musical dos demais irmãos, ela disse que não atuam profissionalmente nessa área, apenas ela e Bira, que herdaram mais "a essência poética" do pai. "Todos eles cantam, tocam, mas só eu e Bira seguimos carreira e somos parceiros musicais".

## Festival

O 7º Festival de Música da Paraíba terá as duas primeiras eliminatórias realizadas no município de Sumé, onde serão apresentadas as 30 músicas selecionadas. As inscrições se estenderam do dia 6 de fevereiro a 6 de março e a final está marcada para 8 de junho, em João Pessoa, momento em que os finalistas irão disputar R\$ 30 mil em prêmios.



IMAGEM: REPRODUÇÃO

## Primeiro contato entre Luiz e Zé

O primeiro contato entre José Marcolino e Luiz Gonzaga, em 1961, é narrado no livro *O Fole Roncou! Uma História do Forró*, de Carlos Marcelo e Rosualdo Rodrigues. A obra, depois de esgotar a primeira edição, lançada em 2012, ganhou uma nova edição em 2023 pelo selo Zahar, do grupo Companhia das Letras.

Na parceria entre Zé e Luiz, há quem diga que o talento do paraibano alavancou a carreira de Gonzaga. "Zé Marcolino foi um dos compositores que contribuíram decisivamente para consolidar Luiz Gonzaga como o Rei do Baião", afirma Carlos Marcelo, que acrescentou: "Suas composições contagiantes atravessaram gerações e moldaram o imaginário brasileiro. A representação cultural do Nordeste passa pelas músicas de Zé Marcolino. Ele e tantos outros compositores nordestinos, como João Silva, Antônio Barros

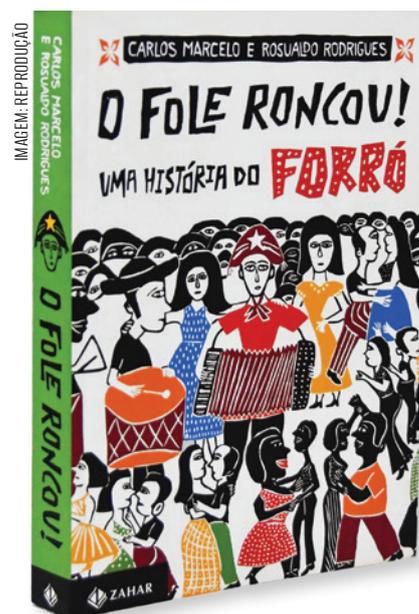


IMAGEM: REPRODUÇÃO

Livro 'O Fole Roncou', dos paraibanos Carlos Marcelo e Rosualdo Rodrigues, registra o encontro entre Seu Lua e Zé Marcolino na cidade de Sumé (PB)

e João Gonçalves, são expoentes do que chamamos no livro *O Fole Roncou!* de MBP: Música Brasileira Popular", disse o escritor ao **Correio das Artes**.

Confira, abaixo, um trecho do livro que retrata o encontro de Luiz Gonzaga e Zé Marcolino:



*Em uma dessas andanças pelo interior, Luiz Gonzaga estava na Paraíba quando foi abordado por um cabra forte, bigodudo, que foi encontrá-lo num hotel em Sumé, a 260 quilômetros de João Pessoa. Primeiro, o desconhecido perguntou a ele:*

- Seu Luiz, o senhor recebeu umas cartas que eu envie para o senhor?
- Mas o que é que diziam essas cartas?

*— Bom, se o senhor não sabe é porque não recebeu. Tudo bem, deixe para a próxima.*

*Decepcionado, o homem foi embora sem estender a conversa. Queria mostrar algumas músicas que tinha separado para o cantor, mas desanimou. Um amigo, contudo, o fez voltar ao hotel. E intermediou o contato:*

*— Seu Luiz, esse cabra só faz música boa. As músicas dele têm a cara da sua sanfona.*

*Gonzaga virou-se para o compositor e perguntou, na lata:*

- Essas suas músicas prestam?

*A resposta também veio de bate-pronto:*

- Vamos fazer o seguinte: eu canto e o senhor diz se presta.

*Cantou "Pássaro carão". Gonzaga gostou. E mostrou que gostou com a seguinte pergunta:*

- Vai me dar quantas músicas?
- Um seis.

*Pronto. Assim terminou o segundo e mais proveitoso encontro de Luiz Gonzaga com seu novo parceiro: Zé Marcolino...*

# Referência na música brasileira

As composições de José Marcolino Alves foram gravadas por inúmeros cantores, gerações que sucederam Luiz Gonzaga. Somente Lua teria incluído nos discos que lançara quase 20 canções do paraibano. No entanto, nomes como Fagner, Elba Ramalho, Flávio José, Trio Nordestino, Genival Lacerda e muitos outros se renderam às letras e melodias do poeta. Há mais de um ano, a família parou de contabilizar o número de artistas incluídos nessa lista de intérpretes e até então o número já havia chegado a cerca de 60 nomes. Para quem acompanhou de perto o trabalho do cancionista e compositor sertanejo, é fácil entender o motivo de tanto interesse por sua obra, tida como uma referência musical do Brasil.

“Ele era um gênio, um compositor fantástico”, afirmou a filha Fátima Marcolino. Ela lembrou dos tempos de quando era menina e já ouvia Lua cantar as músicas do pai nas rádios. “Éramos muito pobres e não tínhamos nenhum rádio em casa. Então, quando ouvia a música dele tocar nas rádios dos vizinhos, pedia licença e ia para lá ouvir. Nessa época, não entendia a genialidade dele, e perguntava a minha mãe por que as músicas de meu pai tocava nas rádios. Depois que cresci, percebi a importância dele pai para a música. Sou fã de Zé Marcolino”.

Outro admirador do paraibano é o cantor e compositor Biliu de Campina, 75 anos completados no dia 1º de março. Para ele, a história da música popular e a cultura nordestina, particularmente em termos poéticos e musicais, tem a cara de Zé Marcolino. Biliu afirmou que Zé foi um dos primeiros a questionar “essa história de nossa música”, uma vez que ele representa não apenas o Nordeste, mas todos os estados brasileiros.

“E outra coisa: ele fazia essa representação sem preconceito, sem ‘felaputagem’, sem frescura. Zé se dedicou, se debruçou na nossa história musical como nenhum outro ousou trilhar por esse caminho. Zé é uma referência da



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

“Zé Marcolino foi um dos primeiros a questionar essa história de ‘nossa música’”, afirma Biliu de Campina

**São músicas ricas  
em elementos  
da ecologia  
sertaneja, além  
de apresentar o  
comportamento  
do homem  
nordestino**

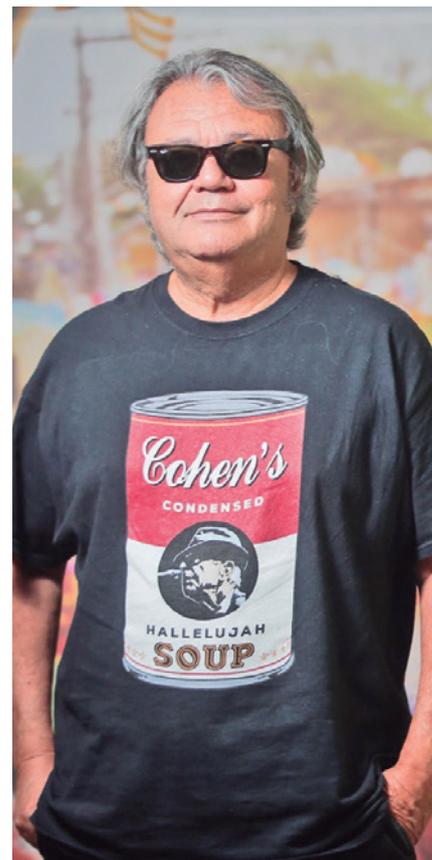


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Crítico musical José Teles afirma que Marcolino teria se projetado caso tivesse se mudado para o Rio: “Cantava bem, e foi um grande contador de causos”

música nacional, não apenas nordestina, mas de todas, de uma forma geral. Zé é um talento comprovado”, enfatizou Biliu.

Ao refletir sobre as composições do paraibano, o músico e compositor Marcelo Melo declarou que são músicas ricas de elementos da ecologia sertaneja, da fauna e da flora, além de apresentar aspectos comportamentais do homem nordestino, o seu imaginário e da identidade desse povo. “Marcolino traduzia com muita inteligência e sabedoria o sentimento desse homem, seu romantismo heroico e a fortaleza do seu espírito. Passando pelo sagrado e o profano que habita o coração”, acrescentou Marcelo.

A obra do poeta, inegavelmente, explora todos os aspectos de sua terra, muitas vezes entremeados por aspirações amorosas, ora enfocando a labuta do sertanejo, as belezas da natureza, a resiliência e o entusiasmo do trabalhador do campo. Impossível não se transportar para os cenários descritos por ele, tamanho era o poder de sua verve e olhar sensível sobre o mundo que o rodeava. Em ‘Cantiga de vem-vem’, só para citar um

exemplo desse talento, Marcolino escreveu o seguinte. “Vivo sempre escutando, a cantiga de vem-vem/ Quando ouço ele cantando, penso ser você que vem/Fico de ôio no caminho, por fim não chega ninguém... Quando perco a esperança, parece uma tentação/Me sento lá no terreiro, escoro o rosto com a mão/Sem plano, pobre coitado, fazendo risco no chão...”

“Ele cantava sua gente, sua terra, era um ótimo poeta popular, na tradição da poesia oral daquela região de São José do Egito, de Sumé e Prata, além de ter assimilado com maestria as influências de Luiz Gonzaga”, frisou o jornalista e crítico musical paraibano radicado no Recife, José Teles.

Segundo Teles, Marcolino “enriqueceu o repertório da música nordestina, o forró, com músicas de uma qualidade atemporal”. “Tanto que continuam sendo regravadas, e algumas como 'Numa sala de reboco', são até os tempos atuais muito executadas, o ano inteiro. Se tivesse se mudado com a família para o Rio teria contribuído muito mais, e até ser bem-sucedido em carreira solo, porque cantava bem, e foi um grande contador de causos”, frisou José Teles.

Vale destacar que 'Cantiga de bem-vem' era a canção que, após a morte de Zé Marcolino, arrancava lágrimas do Rei do Baião. “Seu Luiz me disse que essa era a música que mais o fazia lembrar de meu pai, e que tinha muita saudade dele, por isso se emocionava quando cantava. Seu Luiz tinha aquele jeitão, mas era muito emotivo”, declarou Fátima Marcolino.

José Teles acrescentou que a parceria entre Zé e Luiz foi benéfica para ambos. “Se Marcolino não tivesse sido gravado por Luiz Gonzaga, a gente não estaria se ocupando dele agora. Todas aquelas músicas bonitas só seriam lembradas por umas poucas pessoas que chegaram a ouvi-las do próprio Zé Marcolino. Para Luiz Gonzaga, ele foi importante por ter acrescentado vários clássicos ao seu repertório, numa época em que ele não recebia mais músicas de Humberto Teixeira, nem de Zé Dantas, que morreu no ano em que conheceu Marcolino”, completou.

## Trajectoria

José Marcolino Alves nasceu em um sítio no município paraibano de Sumé no dia 28 de junho de 1930. Era filho do agricultor Pedro Marcolino Alves e Francisca Gomes de Melo. O interesse pela música começou cedo, pois aos 16 anos já compunha. Mas a origem pobre, aliada à estada em uma terra de poucas oportunidades para alavancar sua arte, não lhe ajudaram na concretização do sucesso que lhe era merecido.

De Sumé, ele foi morar na zona rural do município paraibano de Prata, onde conheceu a esposa Maria do Carmo e, juntos, tiveram sete filhos. Apesar do talento para criação de canções, sempre teve de exercer funções em paralelo com a vida de compositor, pois a música não era suficiente para sustentar a família. Trabalhou como agricultor, vendedor, garimpeiro e barbeiro, dentre outras atividades. Tinha o sonho de ouvir sua música na voz de Luiz Gonzaga, desejo que foi realizado no início da década de 1960, e a partir da parceria pôde ver sua obra disseminada pelo Brasil.

Viajou para o Rio de Janeiro com o Rei do Baião, compôs, o acompanhou em shows e participou da gravação de discos, mas após nove meses retornou à Paraíba, pois não suportou a falta de casa.

Contudo, a convivência com Lua foi proveitosa para sua carreira, pois chegou na terra natal com seis de suas músicas gravadas por Luiz Gonzaga no LP *Ó Veio Macho*, lançado em 1962. Em 1964, no LP *A Triste Partida*, apareceram mais três criações do encontro com Gonzaga: a toada 'Cacimba nova', o baião 'Cantiga do vem-vem' e o maior sucesso, 'Numa sala de reboco'.

No livro *O Fole Roncou! Uma História do Forró*, os escritores Carlos Marcelo e Rosaldo Rodrigues registraram que o “êxito de 'Numa sala de reboco' foi o suficiente para a Revista do Rádio, em 1964, reconhecer o talento de Zé Marcolino com a seguinte manchete: ‘Em pleno sertão, Luiz Gonzaga descobriu um astro’”.

O astro, porém, não suportou se afastar do Nordeste e morar em uma metrópole. Com o casamento da filha Fátima Marcolino, cujo marido vivia sendo trans-



IMAGEM: REPRODUÇÃO/BIBLIOTECA NACIONAL

Reportagem da Revista do Rádio de 24 de março de 1962 registra a parceria entre Gonzaga e Zé Marcolino

ferido de cidade em cidade por conta do trabalho em um banco, Marcolino tentou ficar o mais próximo possível da filha, passando por algumas cidades e, finalmente, fixando morada em Serra Talhada, Pernambuco, terra onde passou grande parte da vida até o dia de sua morte, em 27 de setembro de 1987, vítima de um acidente automobilístico.

“Meu pai vinha de São José do Egito, quando passou depois de Afogados (da Ingazeira) uma vaca apareceu na estrada e ocorreu o acidente. Ainda chamaram uma ambulância para levá-lo para Recife, mas ele já chegou lá morto. Meu irmão Bira estava com ele, se machucou muito, mas se recuperou. Foi um dia muito pesado para todos nós”, declarou Fátima Marcolino.

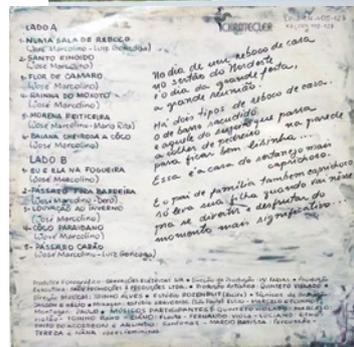
Além da tristeza da família, a perda resultou em três dias de luto em Serra Talhada, decretado pelo prefeito da época, Sebastião Andrada Oliveira. Posteriormente, Ivanildo Vilanova compôs a canção "Tributo a Zé Marcolino", musicada e interpretada por Tom Oliveira, cujos primeiros versos dizem: "Seu ofício era a arte de cantar/Catedrático nas aulas da natura/Cinturinha de abelha era a cintura/Das morenas nas noites de luar/Afiou-se na pedra de amolar/Mas a pedra da morte é afiada/Ficou o barro batido da latada/Sem as marcas dos pés do dançarino/Uma vaca matou Zé Marcolino/E eu não dava José numa boiada".



Memorial de São Thomé do Sucuru, em Sumé, guarda acervo que relembra a carreira de Zé Dantas

FOTO: DIVULGAÇÃO

IMAGENS: REPRODUÇÃO



Capa e contracapa do LP gravado no Estúdio Rozenblit (Recife), com produção artística do Quinteto Violado e participação de Pinto do Acordeon; com 11 composições de Zé Marcolino, disco foi lançado pelo selo Chantecler em 1983

# Homenagens póstumas ao filho ilustre

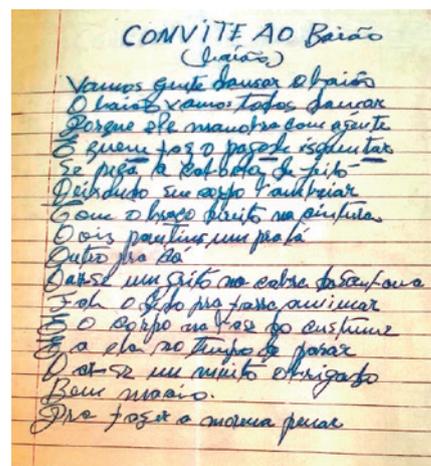
A terra onde o paraibano José Marcolino nasceu, Sumé, e o município onde ele escolheu para morar grande parte da vida, Serra Talhada, resguardam até hoje a memória do poeta e compositor. No município pernambucano, há uma rua batizada com o nome dele e na Praça do Poeta pode ser encontrada uma imagem do paraibano. Já em Sumé, há vários objetos que relembram a trajetória do paraibano e estão preservados no Memorial de São Thomé do Sucuru,

Nesse espaço, que também guarda a memória de pintores e escultores famosos da região, há uma sessão dedicada a José Marcolino. Entre os pertences, há registros de músicas escritas à mão por Marcolino, além de recortes de jornais e revistas com a trajetória dele, o LP Pedra de Amlar, produzido por Socorro Lira, em homenagem ao poeta, entre outros objetos. “No acervo do memorial de São Thomé do Sucuru, na ala Zé Mar-

colino, temos livros, banners, discos de vinil, cordéis, composições e um busto do poeta esculpido por Miguel Guilherme no ano 1990”, acrescentou Francisco Adriano Costa de Moura, coordenador do Memorial.

Para ele, José Marcolino é um grande referencial da cultura, não apenas sumeense, mas também paraibano e nordestina. “Ele elevou o nome de Sumé em todos os lugares. Para a gente, é um orgulho ter um filho que tanto representa a música nordestina. Ele sempre quis enaltecer nosso lugar em suas composições como ‘Serrote agudo’, ‘Numa sala de reboco’, ‘Recordando Sumé’, e ‘De Sumé a jatauba’.

Sumé ainda tem praça, bairro e um festival com o nome de José Marcolino. No bairro, as ruas foram batizada com os nomes das músicas do poeta, a exemplo da rua Sala de Reboco, Serrote Agudo e Pássaro Carão.



Letra de 'Convite ao baião', que integra o acervo do Memorial de São Thomé do Sucuru

# Pedra de Amolar

A cantora, produtora cultural e compositora paraibana Socorro Lira também homenageou o poeta sumeense após a morte dele. Desta vez, a saudação veio por meio da gravação do disco *Zé Marcolino - Pedra de Amolar* (2004), que trouxe músicas inéditas do compositor paraibano, cuja voz também está nesse trabalho. A obra foi produzida pela própria Socorro e, sobre a escolha do título, ela explicou que trata-se do nome de uma canção incluída em uma das faixas.

“Pedra de amolar’ é uma canção do disco, por sinal, das mais bonitas. Nela, ele faz uma metáfora para falar das desigualdades sociais, de questões de exploração do trabalhador, da trabalhadora, pelos capitalistas, pelas capitalistas”. Entre os artistas que compõem o disco estão nomes como Flávio José,



Em 2004, Socorro Lira produziu um CD só com músicas de Zé Marcolino, cantadas por vários intérpretes

FOTO: IZA GUEDES/ DIVULGAÇÃO

Dominguinhos, Fátima e Bira Marcolino, Quinteto Violado, Santana, Socorro Lira e o próprio Zé Marcolino.

Socorro explicou que pretende colocar a obra nas plataformas digitais, mas ainda precisa da autorização da família de Marcolino para poder concretizar esse desejo. “Sou a produtora fonográfica, mas ainda preciso obter a autorização da família de Zé Marcolino para poder colocar corretamente nas plataformas digitais para que o público possa ouvir. Até porque é um disco realmente muito incrível, ele reúne um time de artistas que já tinham gravado a obra do poeta paraibano. O disco tem o próprio Zé Marcolino cantando com Bira (na faixa ‘Cabocla matadeira’). Hoje, isso se faz com a Inteligência Artificial, que é colocar pai e filho, mãe e filha cantando, e a gente fez isso lá em 2002, em Campina Grande, quando pegamos a voz de Zé Marcolino e o colocamos cantando, postumamente, com o filho dele, Bira, foi muito interessante esse trabalho.”

Ao comentar sobre a contribuição de Marcolino para a música brasileira, Socorro disse que discorda um pouco desse conceito de “regional” na música brasileira ou nas artes, de uma forma geral. Para ela, essa ideia serve para segregar, dizer que a música universal é aquela do Rio de Janeiro e de São Paulo. “Por quê? Porque é o eixo cultural do

**Entre os artistas que compõem o disco estão nomes como Flávio José, Dominguinhos, Quinteto Violado e Santana**



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Bira Marcolino faz dueto póstumo com o pai em álbum lançado por Socorro Lira e ainda inédito nas plataformas de música

país, onde estão as grandes gravadoras, é onde está a indústria fonográfica, onde estão as televisões, as rádios, que mandam para o resto do país aquilo que o Sudeste entende que é a música para ser difundida no país inteiro e além da nossa fronteira.”

A cantora e compositora enfocou que um artista como Zé Marcolino, Cátia de França, Elba Ramalho, Chico César, Zé Ramalho e ela própria contribuem para a música brasileira, pois são artistas do Brasil e não regionais. “Somos artistas, fazemos a música que nós fazemos, que tem a informação do lugar onde nós nascemos, do nosso modo de viver, mas é uma música que pode ser tocada e fala das questões do mundo todo. Principalmente artistas que não ficam só naquele tema, temáticas do amor, amor para vender, mas que tem uma perspectiva de mundo”.

Se todos seguissem essa lógica do “regional”, Socorro disse que poderiam chamar a Bossa Nova ou o chorinho como uma música regional do Rio de Janeiro, mas não é. Para ela, o poeta paraibano é um desses autores brasileiros que tem qualidade artística indiscutível. “Na poesia, tudo que ele escrevia, as letras dele são joias raras, são canções que têm um pensamento filosófico, político, além do estético, do belo, do artístico, que por si só já seria suficiente”, enfocou Lira.

**Alexsandra Tavares** é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



# Cátia de França

## e os festivais da canção

André Cananéa

*editor.correiodasartes@gmail.com*

**Artista também será homenageada no 7º Festival de Música da Paraíba, e fará show na Final, em João Pessoa**

O Festival de Música da Paraíba irá apresentar uma novidade na edição deste ano: além do tributo póstumo ao compositor Zé Marcolino, o projeto irá celebrar uma outra artista paraibana, esta, em vida. É Cátia de França, 77 anos, um dos nomes mais icônicos da música paraibana.

Cátia sobe ao palco do Teatro de Arena do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, na finalíssima da 7ª edição do festival, no dia 8 de junho. No repertório, apresenta sucessos de seu cancionário e, ainda, músicas do novo trabalho, *No Rastro de Catarina*, lançado no último dia 19 nas plataformas digitais (leia mais na página 17).

“Eu gostei muito de receber essa homenagem”, afirma Cátia de França, em entrevista ao *Correio da Artes*. “Festivais de música são como um tsunami, um terremoto, que



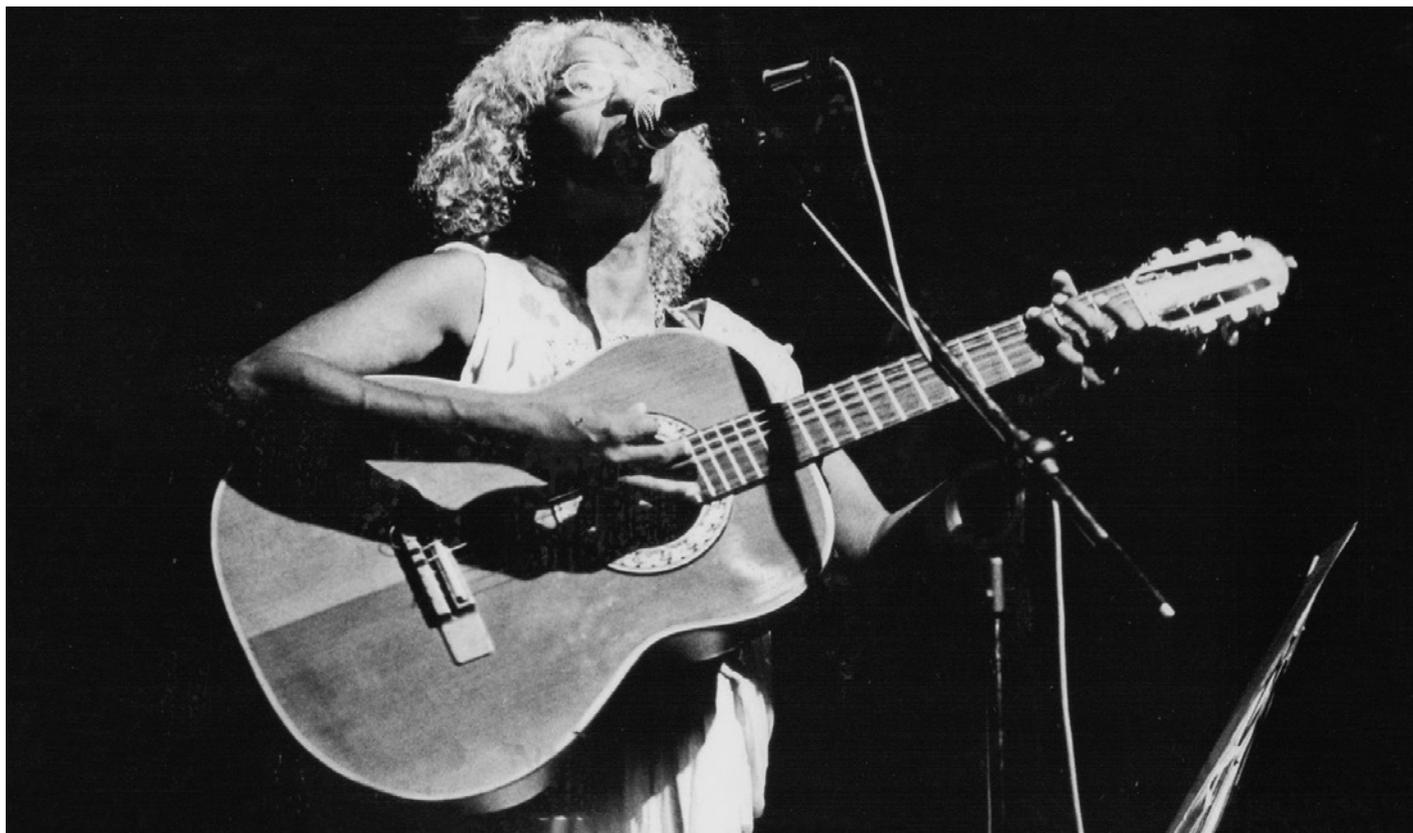


FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

## O peso da ditadura

Mas ainda em 1970, a ditadura militar atrapalhou os planos de Cátia de França. Em um texto datado de 26 de agosto daquele ano em A União, Diógenes Brayner narra que ele e Cátia viajaram até Campina Grande para participar de um festival, cujo nome o texto não revela. Se limita a dizer que 'Cristina', parceria dos dois, havia sido selecionada e por este motivo eles desembarcaram na Praça da Bandeira à procura do Teatro Municipal.

"O teatro estava pouco claro, com a porta principal entreaberta" - escreveu Brayner - "Nos dirigimos para lá e um guarda foi logo dizendo:

- Aqui ninguém entra nem por cem contos!

- Desculpe 'seu' guarda, aliás, eu queria entrar de graça, vim para o ensaio geral do festival e não vou perder a viagem, né?"

Foi assim que os autores de 'Cristina' descobriram que o evento havia sido proibido pelo Departamento de Polícia Federal após o festival realizar a primeira eliminatória sem antes submeter as letras das músicas concorrentes à censura prévia. "Pelo que entendi

de matérias subsequentes, acho que o festival foi liberado e chegou até a final, mas não consegui detalhes e não sei se Cátia e Diógenes continuaram participando", acrescenta Matteo.

Mas ainda em 1970, a dupla lograria êxito. No dia 31 de outubro daquele ano, Cátia de França e Diógenes Brayner saíram vencedores do 4º Festival Paraibana de Música Popular Brasileira com a canção 'Mariana', arrebatando um prêmio de dois mil cruzeiros. A finalíssima foi acompanhada por um Teatro Santa Roza lotado, conforme registrou uma matéria publicada pelo Jornal O Norte no dia 3 de novembro subsequente.

Cátia, aliás, levou o 1º e o 2º lugares, este com 'Pouso forçado', dela e Antônio Marcos Leite. A matéria de O Norte - sem autoria - afirma que a primeira colocação para 'Mariana' foi bem aceita pelo público, mas o segundo lugar "foi recebido friamente pelo público, que preferiu 'Caminhos perdidos', de autoria do baiano Carlos Marino e não classificada".

Além da premiação em dinheiro (a 2ª colocação garantiu outro mil cruzeiros à Cátia e ao parceiro), o jornal informava que as músicas vencedoras seriam lançadas em um compacto duplo com quatro faixas, que seria prensado em Recife pela lendária

Cátia de França chegou a ser selecionada para um festival de música em Campina Grande, que acabou sendo vetado pela ditadura militar

Rozenblit e distribuído pelo importante selo Mocambo, como de fato aconteceu.

No lado A, saiu 'Mariana', eternizada em disco com a voz de Cátia de França, José Rui e Renan Rocha, acompanhada pelo grupo Os Tropcoêlhos (a matéria informava que o grupo escalado para a gravação era o Grupo Giló, com "g" mesmo), e 'Objeto de utilidade pública', de autoria de João Manoel de Carvalho e Carlos Aranha, que colocou a voz acompanhado pelo grupo Tropicais.

Abrindo o lado B, a outra canção de Cátia, 'Pouso forçado' (cujo encarte assinala que foi a vencedora, também, de Melhor Letra), desta vez apenas com os vocais de José Rui e a companhia rítmica de Os Tropcoêlhos. Fecha o repertório 'Explosão de Flashes', "a 'vanguarda' falando alto", nas palavras de Exedito Gomes, autor do texto da contracapa do compacto. "Há uma voz misteriosa nesse disco", segue Gomes, referindo-se à intérprete da canção de Cleodato Pôrto, Nevinha, vencedora do festival na categoria Melhor Intérprete.

# Cantora, compositora e jornalista

Em 1971, a premiada Cátia de França já tinha os dedos calejados de tocar e a voz moldada nos palcos de bares, teatros e festivais do Nordeste. Também era redatora no *Jornal A União*, onde assinava a coluna 'Música Popular'. Tanto o é que, em 28 de setembro daquele ano, o diário de notícias estatal noticiou a participação de Cátia na terceira edição do Festival Nordestino de Música Popular, realizado no Recife (PE), com o título: "Redatora de A UNIÃO foi a melhor intérprete do III Festival Nordestino".

O texto, apócrifo, registrava a escolha da paraibana como Melhor Intérprete na segunda eliminatória do festival, apesar de 'Misticismo', outra parceria dela com Diógenes Brayner, não ter sido classificada, "o que causou surpresa devido suas características inovadoras", registrou *A União*.

Em seguida, a matéria traz um depoimento do maestro Pedro Santos, então professor da Escola de Comunicações Culturais da Universidade de Brasília, em que ele elogiava as inovações de 'Misticismo', afirmando: "Realmente a única música nova em termos de criação que apareceu (na eliminatória), embora a letra de Diógenes Brayner não tenha musicalidade".

Mas Cátia não desistiu. Na última eliminatória do 3º Festival Nordestino de Música Popular, ela classificou 'Negritude', letra e música dela, para a final da etapa Recife, que iria ocorrer dali a seis dias no Geraldão, valendo uma vaga na finalíssima, a ser realizada em Fortaleza (CE). A notícia está em *A União* de 9 de outubro de 1971.

Cátia subiu ao palco do Teatro do Parque naquela primeira semana de outubro acompanhado pelos percussionistas Tota e Lula, pelo guitarrista Babi e pela orquestra da TV Rádio Clube, com arranjos do maestro Duda para defender 'Negritude', que só iria sair em disco agora, em 2024, no recém-lançado álbum da cantora, *No Rastro de Catarina*.

Antes de 1971 acabar, Cátia ainda se aventurou em outro festival, dessa vez em Maceió (AL). O 1º Festival Universitário de Música Nordestina foi realizado na capital alagoana nos dias 16, 18 e 20 de dezembro. Reportagem em *A União* de 21 de dezembro registra que "Kátia" de França foi eleita Melhor Intérprete do certame.

"Kátia, que além de compositora é repórter e



FOTO: DIVULGAÇÃO

colunista de *A UNIÃO*, foi aplaudida de pé pelo público que compareceu ao ginásio de esportes do Colégio Estadual de Alagoas ao interpretar a música 'Mas que saudade, Ave Maria', de Cleodato Pôrto, acompanhada por um conjunto local", registrou a notícia, acrescentando que Cátia também defendeu outras duas canções, 'Festança' e 'O parque', ambas dela com Diógenes Brayner.

Cátia abordou sua participação no festival alagoano em duas colunas de sua autoria, nos dias 23 e 24 daquele mês e ano. "Não existe emoção maior quando partimos para uma batalha e regressamos para nossa terra trazendo louros de uma suada vitória", começa Cátia no texto da antevéspera de Natal, que segue agradecendo os apoios que conseguiu para viagem e ainda faz uma espécie de cobertura da competição, destacando alguns músicos, como Eduardo Nascimento. "Gente, ele não existe. Aquele criolão rindo à toa da vida, com aparência do Hendrix, deu o recado baiano", escreveu, antes de anunciar que naquela noite, iria apresentar a música vencedora 'Mas que graça, Ave Maria' no Fenav-1, em João Pessoa.

Mas é na coluna do dia seguinte que ela se detém mais ao Festival Nacional de Vanguarda (Fenav-1), promovido pelo *Jornal A União*, Rádio Tabajara e Secretaria da Divulgação e Turismo do Governo do Estado. "Estamos vivendo os ensaios piradíssimos do Fenav-1. Amizades, vocês precisam ver a meninada despreocupada curtindo arranjos, bolando entradas e saídas, improvisos. Tudo legalíssimo, porque todos sacam a mesma - Som", escreveu.

Para Matteo Chiacci, esses festivais marcaram o início de uma longa batalha para Cátia de França se estabelecer enquanto compositora nos próprios termos dela

Nessa coluna, ela também dedicou um parágrafo ao vencedor do Festival de Maceió, "o gordo César", como ela escreveu. "O homem canta naquela de nuvem cósmica, gesticulação meio truncada, a linguagem corporal contundente. Sei lá. gostei do César, porém não de sua 'América América'", registrou.

Para Matteo Chiacci, Cátia encerrou 1971 em casa, "primeiro, participando da banda base que acompanhou Carlos Aranha e Gilvan de Brito no 2º Festival da Canção Campinense, do qual saíram vencedores e, por fim, no emblemático Festival Nacional de Vanguarda, o Fenav-1 que tomou de assalto o Teatro Santa Rosa com luzes estroboscópicas, projetores, epidiascópios e amplificadores", sintetiza o estudioso.

Para ele, esses festivais marcaram o início de uma longa batalha para Cátia de França se estabelecer enquanto compositora em seus próprios termos, um caminho repleto de dificuldades, segundo ele. "As limitações da cena local foram se acumulando até o momento em que migrar para o Sul se tornou a única saída. Chegou lá como sanfoneira da banda de seu colega, Zé Ramalho, que vinha lutando a mesma batalha. Não foi sem dificuldades que, enfim, em 1979, a CBS lançou seu disco de estreia: uma estreia que, ao mesmo tempo, colocava um fim ao ciclo pré-histórico de sua carreira", conclui Matteo.



Alfabetizada por meio de canções, Cátia de França fez trilhas para teatro e cinema e lançou seu primeiro disco em 1979

## Música, teatro, cinema e até cordéis

Pessoense nascida em 13 de fevereiro de 1947, Catarina Maria de França Carneiro foi alfabetizada pela mãe, Adélia de França, por meio de canções. Estudou piano a partir dos quatro anos de idade, mas acabou deixando o instrumento de lado ao ingressar em um colégio interno de Pernambuco aos 15 anos de idade. Mas foi lá que descobriu o violão e a compor suas primeiras canções.

A vida na estrada de Cátia de França começou no final dos anos 1960, quando embarcou para a Europa integrando o grupo folclórico da Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira, de Campina Grande (fazia parte dele Elba Ramalho).

Estabelecida no Recife, passou a estudar teatro, o que acabou levando a musicista paraibana a compor trilhas sonoras e conduzir a sonoplastia de vários espetáculos. E foi o teatro que a recebeu de braços abertos quando Cátia se mudou para o Rio de Janeiro, onde se aproximou do notável dramaturgo Luiz Mendonça, o que levou a futura autora de 'Na ponta do Seixas' a fazer uma imersão, entre 1974 e 1976, na cena teatral do eixo Rio/SP.

Cátia de França deixou sua marca

em espetáculos consagrados pelo público e pela crítica, como 'Lampião no Inferno', 'Viva o Cordão Encarnado', 'Canção do Fogo' e 'Feira Livre', esta baseada em poemas do autor, o dramaturgo Plínio Marcos. No cinema, colabora com a trilha sonora do filme 'Cristais de Sangue' (1975), de Luna Alkalay e, em 1983, assina a trilha de 'Paraíba, Mulher Macho', de Tizuka Yamasaki, no qual faz uma pequena participação.

Durante esse período integrou as bandas de Zé Ramalho, Amelinha e Sivuca. Apadrinhada pelo primeiro, grava seu primeiro disco pela CBS (hoje Sony), *20 Palavras ao Redor do Sol* (1979), que lançou músicas que se tornariam clássicos do cancioneiro de Cátia, como 'Coito das Araras' e 'Kukukaya'. No ano seguinte, lançou o álbum *Estilhaços* pelo mesmo selo. Em 1982, participou do Projeto Pixinguinha, ao lado de Jackson do Pandeiro e Anastácia, e apresentou-se na série Seis e Meia, com Teca Calazans, ambos promovidos pela Fundação Nacional de Artes (Funarte).

Em 1985, lançou o LP *Feliz Demais* pela Continental e, em 1986, gravou o LP *Olinda*, com participação da Banda Azimuth. Em 1990, fixou residência

na Paraíba, onde integrou a ONG e o Projeto Malagueta, que divulga o acervo cultural da Paraíba.

Lançou o CD *Avatar* em 1998 pelo selo CPC Umes, do qual participam Chico César, Xangai e Quinteto de Cordas da Paraíba. Publicou cordéis e livros infantojuvenis, entre os quais *A Peleja de Lampião Contra a Fibra Ótica*, *Saga de Zumbi* e *Falando da Natureza Naturalmente*.

Em 2005, gravou *Cátia de França Canta Pedro Osmar*, interpretando músicas do cantor, compositor e instrumentista paraibano - o disco permanece inédito e sem previsão de lançamento. Em 2012, lançou mais um CD, o independente *No Bagaço da Cana / Um Brasil Adormecido*, com a Camerata Arte Mulher, formada por musicistas eruditas da Paraíba e inspirado em textos de José Lins do Rego.

Finalmente, em 2016, Cátia de França apresentou a seus fãs o CD *Hóspede da Natureza*, com o patrocínio da Natura Musical, inspirado na obra do escritor Henry David Thoreau e com uma musicalidade que transita do reggae ao blues, passando por bossa nova, rock e bumba meu boi.

O ano de 2019 veio com um marco na carreira da artista: o disco *20 Palavras Ao Redor do Sol* completou 40 anos e ganhou sua primeira edição digital, além de ter sido revisitado em turnês pelo Brasil. No mesmo ano, o disco *Hóspede da Natureza* (2016) foi lançado em vinil.

Em 2021, o disco *20 Palavras* foi reeditado em vinil pela Três Selos. Em agosto daquele ano, ela entrou na programação do Itaú Cultural. Cátia de França também foi convidada a participar do single 'O fole roncou', uma parceria de Jorge du Peixe (Nação Zumbi). Outra participação foi no single 'Barra Pesada', da banda sergipana The Baggios, ao lado do conterrâneo Chico César. O clipe foi lançado em 30 de setembro de 2021.

Em 2024, Cátia de França regressou ao estúdio, em João Pessoa, e saiu de lá com seu mais recente disco, *No Rastro de Catarina* (Tuim Discos), que traduz a sua relevância para a música brasileira. Um disco que une o passado e o presente, que resgata memórias e perspectivas ao longo de 77 anos bem vividos.

nas plataformas

# 'No Rastro de Catarina':

Novo disco celebra vida e obra de Cátia de França

André Cananéa

[editor.correiodasartes@gmail.com](mailto:editor.correiodasartes@gmail.com)

Quarenta e cinco anos após *20 Palavras ao Redor do Sol*, a estreia da cantora e compositora Cátia de França em disco, ela lança mais um álbum, o oitavo de inéditas em mais de 50 anos de carreira (sem contar os dois que permanecem inéditos). Mas *No Rastro de Catarina* (Tuim Discos), disponível nas plataformas digitais desde o dia 19 de abril, não é qualquer disco: é um passeio pela vida e obra de uma das mais intrigantes, inspiradas e guerreiras artistas nascidas na Paraíba.

O álbum é um apanhado de 12 canções que Cátia compôs nas últimas seis décadas, mas nunca havia parado para gravá-las. Pelo menos não até agosto de 2023, quando a paraibana deixou sua chácara em São Pedro da Serra, na cidade de Friburgo, Região Serrana do estado do Rio de Janeiro, onde mora desde 2005, para voltar a João Pessoa.

No Peixe Boi Estúdio, Cátia gravou todo o repertório, com músicas selecionadas por ela e pela produtora e diretora artística do álbum, Dina Faria, a partir de um calhamaço de letras que a cantora e compositora guarda consigo com tanto afincio que é como se dependesse de cada uma para respirar. São quantas? “Nem sei dizer! Cinquenta, 60, 300... quem sabe?!”, responde Cátia de França, por telefone, ao **Correio das Artes**.

No Instagram da cantora (/catia-defrancaoficial), ela registra: “Este disco foi preparado com muito carinho, com músicos e profissionais incríveis e também com um frio na barriga, porque abrir uma caixa de Pandora como esta, de músicas que atravessam toda a minha carreira e nunca viram a luz, é muito forte e intenso”.

Com produção dos tarimbados Marcelo Macêdo e Chico Correa, os arranjos assinados por Cátia, Macêdo e ainda Cristiano Oliveira (com a contribuição de Daniel Cahon em duas faixas) foram trabalhados do jeito que a anfitriã gosta: “O disco foi feito com todo mundo olhando um para o outro, sem ter nenhuma divisória dentro do estúdio, conversando muito, discutindo”, revela.

Com um time que inclui, além de Marcelo (guitarra), Chico (sintetizadores, samplers, efeitos) e Christiano (viola), Elma Virgínia (baixo, fretless), Beto Preah (bateria, cowbell) e Gláucia Lima (vocais de apoio), Cátia de França (voz e violão de nylon) produziu um disco contemporâneo sem ser experimental, como o são, por exemplo, *Recanto*, de Gal Costa, e *A Mulher do Fim do Mundo*, de Elza Soares, cujos efeitos eletrônicos deram um giro de 180 graus na sonoridade dessas cantoras.

O forte sotaque nordestino de Cátia de França está muito bem preservado nas 12 faixas que compõem *No Rastro de Catarina*, mas o talento de quem acompanha a cantora faz com que a sonoridade não soe datada: o som é vigoroso, bem solidificado e cuidadosamente trabalhado. É um dos melhores trabalhos feitos na Paraíba nos últimos tempos. “Minha música nasce com a placenta e não tem quem tire! Esse repertório tem minha digital”, acrescenta Cátia.

## Letra e música

Entre as 12 faixas de *No Rastro de Catarina* há canções que participaram de festivais (‘Negritude’, veja na página 12) e músicas com temas que são caros à carreira de Cátia de França, como os povos indígenas (‘Malakuyawa’), mas engana-se quem pensa que ‘Espelho de Oloxá’ versa sobre a filha de Orungã com Iemanjá que cuida das lagoas.

A letra, escrita pela potiguar Khrystal, é revestida de empoderamento feminino. Não há, a rigor, uma abordagem à divindade iorubá. “O título da música fui eu quem deu, para poder homenagear essa idosa que cuida das lagoas, já que quase ninguém fala dela. Mas acho que Khrystal não deve ter gostado não”, comenta, em meio a uma risada travessa.

De modo parecido é ‘Malakuyawa’. O título faz referência ao pajé Malakuyawa, da tribo Waurá, morto em 1986, com mais de 70 anos de idade. A letra surgiu quando, nos anos 1980, Cátia viu uma foto do indígena no jornal. “Era um homem velho”, recorda Cátia, justificando, assim, uma letra que reflete sobre a velhice: “Agora sei porque o velho / Sozinho fala / Sua alma trabalha / Sua experiência não cala”.

Parece composta pela Cátia de 77 anos, mas a autora talvez nem tivesse 40 anos quando escreveu a letra. “Claro que eu não senti e escrevi esses versos todos de uma vez. Vou trabalhando devagarinho”, detalha.

A religiosidade de Cátia de França também está presente na faixa de abertura, ‘Fênix’. A canção une o mito da ave que, após viver centenas de anos, se deixa queimar para renascer das próprias cinzas com a devoção à Nossa Senhora. A referência, ela entrega, vem de uma coluna que Paulo Coelho escrevia no portal G1. “Eu guardei essa coluna, eu a tenho em algum lugar”, afirma Cátia.

No texto, lembra a cantora, o autor de *O Alquimista* relata uma lenda medieval sobre uma visita de Nossa Senhora, com o Menino Jesus no colo, a um mosteiro na Terra, mas apenas um humilde padre malabarista consegue a atenção da Virgem Santíssima e de seu filho.

Cátia foi batizada no catolicismo (“Fiz minha Primeira Comunhão na



Novo disco de Cátia de França já está nas plataformas digitais e terá edição em vinil no segundo semestre

Igreja Nossa Senhora de Lourdes, e quem me batizou foi o Padre Trigueiro”), passou pela igreja evangélica quando estudou no internato Educandário Nordestino Adventista, dos 15 aos 19 anos, e, mais velha, abraçou as religiões de matriz africana. “Deus está em todos os lugares”, afirma. “Quando eu cheguei aqui em Nova Friburgo (RJ), e quase que eu enlouqueci, entrei numa mesquita e eu me salvei”, confessa.

Abrir o repertório com ‘Fênix’ é bastante significativo para a carreira de Cátia. “Renasci das cinzas feito Fênix / Dessossego meus inimigos (...) Renasci de alma lavada / Contentamento de todos os meus guias...”, diz um trecho da letra. Quem conhece a cantora de muito tempo sabe que ela passou uma fase no ostracismo, assunto que, como ela mesmo diz, nem gosta de falar. “Todos os ventos estranhos, ventos alísios que eu tive. Eu tive um incidente em 1999... (pausa) Eu não quero nem mexer nisso. Eu pensei que era a direita que estava me lascando, mas era a esquerda. Aquele história de fogo amigo, sabe?! Eu fiquei muito triste”, comenta brevemente.

Nos anos 2000, Cátia de França foi descoberta por uma nova geração de fãs, através da internet, e a chegada de Dina Faria recolocou a carreira da paraibana nos trilhos, com agenda de shows e gravação de discos novos. Cátia, assim, tem vivido o auge de sua carreira.

## Festival e censura

'Negritude' já existia nos anos 1970 - chegou à finalíssima do 3º Festival Nordeste de Música Popular, em 1971 (leia mais na página 12). Dos versos "Já não tenho medo / Minha pele agora é minha lei / Meu cabelo é diferente / A vasta mistura me torna mais gente", 'Negritude' foi composta em Olinda, segundo Cátia, e após os festivais foi parar na gaveta. "A gente sabe que ser negro é um desafio diário e que é uma insistência muito grande para fazer qualquer coisa que seja ela. Mas é nessa força que eu me encontro diariamente, que aprendo a ser mais eu e que me faz ver o mundo pelas lentes certas", escreveu em seu Instagram.

'Indecisão' é a música mais antiga do novo repertório. A letra é um poema que Cátia fez aos 14 anos de idade. Em 1976, ela teve que submeter essa e outras canções à censura, que acabou vetando 'Indecisão'. Em abril de 2024, ela ainda guarda a letra da música com o carimbo da Polícia Federal do Rio de Janeiro, datado de 4 de maio de 1976, vetando a canção. "Já pensou como é a vida? Ter que passar a sua voz por um censor que não entende de arte?", indaga.

Cátia atribui a censura a uma perseguição gratuita. "Eu não tinha histórico nenhum", afirma, mas admite que a mãe era simpática aos movimentos de esquerda e que na casa dela "tinha um pôster bem grande de Che Guevara e outro de Dom Hélder Câmara", e acrescenta: "O livro de 'história de carochinha' era *Geografia da Fome*, de Josué de Castro".

'Bósnia' também teve como inspiração o noticiário. Foi refletindo sobre a Guerra da Bósnia (1992-1995) que Cátia extraiu os versos "Toda guerra é chaga / Toda guerra traga / Toga guerra traga o pouco / De gente que resta em nós".

A balada 'Meu pensamento II' se conecta com um antigo repertório de Cátia de França, o LP *Feliz Demais*, de 1985, que traz a primeira 'Meu pensamento', também composta, letra e música, pela paraibana. "*Feliz Demais* tem coisas fantásticas, mas tem coisas que eu tenho vergonha até hoje. 'Vamos dar as mãos' é choque de baioneta! Botaram uma marchinha de carnaval para eu falar do presidente americano que ordenou a guerra do Vietnã!!!", desabafa, indignada.

'Meu pensamento' tem uma pegada

jazzística, e Cátia concorda: "Quando eu me sento no piano, eu fico muito Duke Ellington, muito embora eu me sinta mais Thelonious Monk, que é louco de pau!", confessa, entre risos. "Essa música eu dei para vários artistas do primeiro mundo da MPB (colocar a letra), mas nunca deram resposta. Então eu mesmo botei a letra, junto com Dina, que é muito generosa e não quis assinar a parceria", acrescenta.

'Veias abertas' e 'Eu' são canções que refletem a paixão de Cátia de França pela literatura (o **Correio das Artes** de dezembro de 2019 trouxe uma matéria sobre a relação da música da cantora com a literatura). O título da primeira faz referência à obra *As Veias Abertas da América Latina*, embora a canção não tenha relação com o livro do historiador Eduardo Galeano ("Daqui do alto do 12º andar / Fico curtindo minha solidão / E os meus companheiros ocasionais / São três gatos vagabundos / De desejo por um peixe e nada mais", diz um trecho da letra).

'Eu' é um poema de Florbela Espanca. "Essa música exige de mim uma coisa teatral, afinal eu não começo (a música) cantando, mas recitando (o poema). Graças à Deus, eu convivi com Tânia Alves, Elba Ramalho, Walter Breda, Joel Barcelos, Lutero Luiz, Yolanda Cardoso, então eu trafego bem entre o canto e recital, afinal, a pessoa pode ler e não botar emoção nenhuma, sobretudo nesse poema que é um rasgo de navalho", afirma Cátia, antes de finalizar: "Aí eu pego e boto ainda uma 'sofrência'. A letra é muito 'fagnereana'... 'Sou aquela que passa e ninguém vê' (cantarola). Isso é muito Fagner!".

Completam o repertório uma parceria entre Cátia e Socorro Lira, 'Em resposta', repleta de guitarras e sintetizadores, a funkeada 'Academias e lanhonete' e o xote 'Conversando com a natureza', que fecha o disco. Além das plataformas digitais, *No Rastro de Catarina* vai ganhar em dição em vinil, mas só no segundo semestre de 2024.

**André Cananéa** é jornalista, editor do **Correio das Artes** desde 2019, articulista do **Jornal A União** e Gerente Executivo da Parahyba FM 103.9. Mora em João Pessoa (PB).



Aponte a câmera do seu telefone celular para o QR Code e ouça 'No Rastro de Catarina' em sua plataforma de música favorita.

# Editora Alfa-Ômega:

Censura e resistência editorial nos tempos da ditadura militar brasileira

**Bruno Gaudêncio**

Especial para o *Correio das Artes*

A Editora Alfa-Ômega emerge como um tema intrigante nos meandros da produção editorial brasileira das décadas de 1970 e 1980 no Brasil, um período marcado pela imposição de fortes restrições à liberdade de expressão e pela censura estatal dos governos militares. No livro *Editora Alfa-Ômega: Produção Literária em Tempos de Censura (1973-1984)* (Editora Alfa-ômega, 2023), o historiador Gustavo Orsolon nos convida a mergulhar neste contexto histórico, explorando o papel desempenhado por essa editora e sua relevância dentro do panorama editorial do país.

Fruto de uma tese de doutorado em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), orientado por Márcia de Almeida Gonçalves e defendida em 2022, o livro contribui de forma singular oferecendo uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e políticas que permearam aquele período conturbado da história brasileira. Dividido em quatro capítulos, o livro de Gustavo Orsolon proporciona não apenas uma análise minuciosa da trajetória dessa editora paulista, mas também uma reflexão sobre o contexto histórico, político e cultural que a circundava.

O autor, Gustavo Orsolon, é historiador residente no Rio de Janeiro (RJ). Doutor em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atua profissional professor da Educação Básica da rede particular no Rio de Janeiro. Sua trajetória é marcada pela incursão sobre autores, obras e editoras de resistência política.

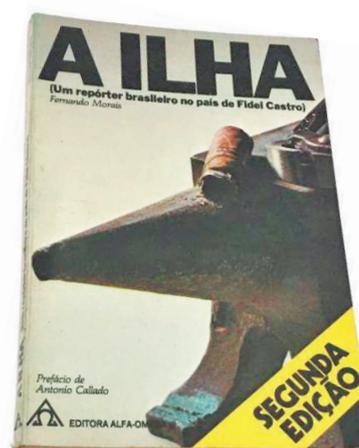
No primeiro capítulo do livro, intitulado “O mercado de livros e a criação da Alfa-Ômega”, Orsolon conduz o leitor pelas intrincadas relações entre mercado editorial e poder político, demonstrando como a fundação da editora foi uma resposta astuta às demandas e lacunas desse cenário. Orsolon apresenta uma contextualização convincente do mercado editorial brasileiro na década de 1970, delineando as condições que propiciaram o surgimento da editora.

Todavia, a história de vida dos editores fundadores poderia ter sido melhor explorada, especialmente no que diz respeito ao início da trajetória de Fernando Mangarielo como livreiro e, depois, editor e seu circuito inicial de relações intelectuais. A abordagem parece protocolar e não explora bem dados os biográficos sobre os dois editores (Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo). Entretanto, me parece acertado a utilização do conceito dos editores como “intelectuais mediadores”, com base em Jean-François Siri-nelli e Ângela de Castro Gomes, o autor revela as estratégias e os desafios enfrentados pelos dois editores na criação da Alfa-Ômega.



IMAGENS: REPRODUÇÃO

Obra retrata o papel da Alfa-ômega no contexto da ditadura militar, explorando sua relevância dentro do panorama editorial do país



Livros de Renato Tapajós (no alto) e de Fernando Moraes (acima) são alguns dos títulos da editora que a obra de Gustavo Orsolon aborda

No segundo capítulo, “A produção literária através do catálogo”, Orsolon mergulha na produção editorial da Alfa-Ômega dentro do recorte de 1973 a 1984, revelando como seu catálogo se tornou um espaço de resistência em tempos de censura dos governos militares. Orsolon enfrenta a dificuldade em pesquisar devido à ausência de um arquivo de reserva técnica e de todos os catálogos da editora. Apesar disso, ele consegue extrair informações valiosas a partir do catálogo de 1984, destacando a coerência editorial da Alfa-Ômega e identificando o perfil editorial nos primeiros anos de sua publicação.

Destaque especial é dado à análise das obras *A Ilha*, de Fernando Morais, best-seller na época, e *Câmara Lenta*, de Renato Tapajós, autor que chegou a ser preso devido a publicação. Utilizando-se de uma perspectiva teórica ancorada na história do livro, com contribuições de historiadores Robert Darnton e Roger Chartier, o autor examina as obras publicadas pela editora e suas repercussões no contexto cultural e político da época.

No terceiro capítulo, “Os editores, os autores e a censura”, Orsolon lança luz sobre as tensões e os embates enfrentados pelos editores e autores da Alfa-Ômega diante do olhar vigilante da censura estatal. Através de entrevistas, periódicos e documentos oficiais, o autor reconstrói os bastidores dessas batalhas, evidenciando não apenas os mecanismos de repressão, mas também os atos de coragem e resistência que permearam o cotidiano dessa editora.

Orsolon mergulha nos títulos da editora que mais sofreram censura, listando os cinco títulos principais: *4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, do poeta Álvaro Alves de Farias; *A Ilha*, do jornalista Fernando Morais; *Em Câmara Lenta*, do escritor Renato Tapajós; *Não Passarás o Jordão*, do jornalista Luís Fernando Emediato, e *Sangue Quente*, do jornalista Hamilton Almeida Filho, - evidenciando os desafios enfrentados pelos editores e autores diante da repressão estatal. Sua abordagem sobre a documentação oficial da censura e a repercussão na imprensa foi fundamental para compressão dos limites da censura moral e política nesse período.

Finalmente, no quarto capítulo, “A coleção história imediata”, Orsolon

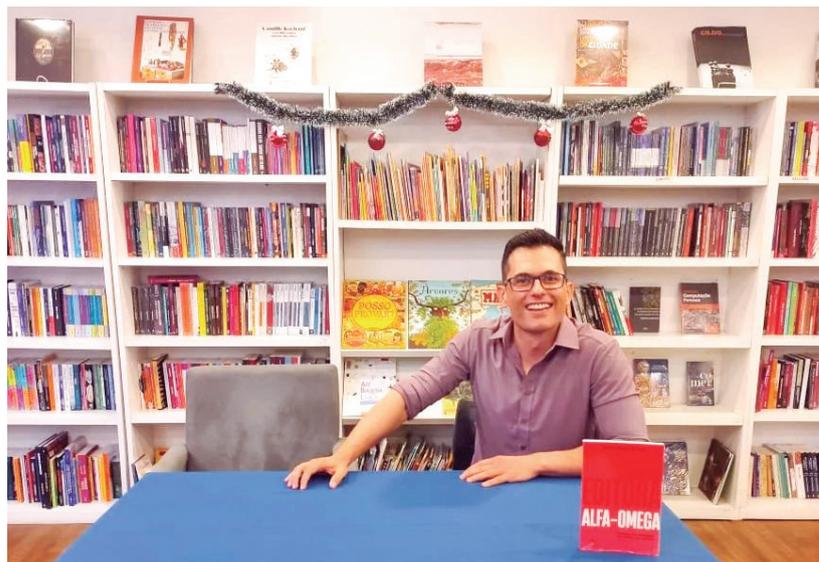


FOTO: REPRODUÇÃO/REDE SOCIAL

nos conduz por uma análise das obras que compuseram essa coleção da Alfa-Ômega. Orsolon dedica-se ao estudo da coleção *A História Imediata*, publicada pela editora entre os anos de 1978 e 1979, abordando temas diversos e atuais na época, como a Guerrilha do Araguaia e o ressurgimento dos movimentos estudantis, a exemplo da UNE. Contudo, a ausência de discussão sobre o livro-reportagem e a ascensão dos jornalistas ao meio editorial naquele contexto da década de 1970 é uma lacuna a ser considerada.

A perspectiva teórica e metodológica do autor é ancorada na Nova história cultural e na história editorial, revelando-se fundamental para compreender não apenas o impacto dessas obras no cenário intelectual brasileiro, mas também sua relevância histórica como testemunhos vivos de uma época marcada pela repressão e pela resistência.

Quando consideramos os méritos deste trabalho, é essencial destacar sua importância como o principal estudo dedicado à Editora Alfa-Ômega, além de sua abordagem abrangente sobre a história editorial no Brasil. No entanto, é pertinente notar que, na introdução, por vezes, a incursão do autor pode ser considerada exaustiva e bastante centrada no eixo Rio-São Paulo. Embora essa análise inicial forneça uma base sólida, seria enriquecedor se o autor expandisse suas investigações para incluir uma gama mais ampla de contextos regionais, a fim de oferecer uma visão mais com-

pletiva e inclusiva da evolução editorial no país.

Historiador, Gustavo Orsolon propõe, na obra, uma reflexão sobre o contexto histórico, político e cultural que circundava a editora Alfa-ômega

pletiva e inclusiva da evolução editorial no país.

Em relação aos desafios mais proeminentes, é notável a presença de contradições e lacunas que poderiam ser cuidadosamente abordadas pelo autor. Em determinados pontos específicos, torna-se evidente a necessidade de uma análise mais profunda ou de uma integração mais coesa entre as fontes utilizadas, a perspectiva teórica adotada e a metodologia empregada. Gustavo Orsolon, de fato, demonstra uma expressão predominantemente intuitiva em sua escrita, em detrimento de uma abordagem mais erudita. Suas indagações são frequentemente espontâneas, carecendo de uma maior densidade e substância para aprofundar a discussão.

Em suma, *Editora Alfa-Ômega: Produção Literária em Tempos de Censura (1973-1984)* não se limita a ser um estudo histórico sobre uma editora específica, mas sim uma janela para compreender as complexas relações entre edição, poder e resistência em um dos períodos mais conturbados da história recente do Brasil. Orsolon nos conduz por um labirinto de ideias e acontecimentos, oferecendo-nos uma visão panorâmica desse importante capítulo da nossa história editorial e cultural.

Bruno Gaudêncio é escritor e historiador. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mora em Campina Grande (PB).

## Estado de poema

E à toa e lento  
é o meu estado,  
não raciocino,  
o poema fugiu.

A imagem é turva  
sob o caminho  
e não há luz,  
na curva da trilha.

Quero alcançar  
uma estrela,  
como quem voa,  
sem saber voar.

Os pés palmilham  
e ficam ranhuras,  
na face da terra:  
tatuagens de vida.

A poesia é mínima  
e a arte se cria  
com a palavra  
que se inventa.

## E foi assim

*Para Tarcísio Pereira*

Certa hora, lá pras tantas...  
ela chegou e solfejou  
em breves notas:  
saia da minha vida e suma.

Mas, ele manso em sua resposta,  
cantarolou num ensaio  
triste e quase sem saída  
uma breve canção de despedida.

A casa é sua, cuide dos meninos  
e do gato traquino que volta e meia  
rasga as páginas d'algum  
livro solitário espalhado pela sala.

O meu amor ainda é forte,  
e perpassa pelas veias,  
o gosto pela fêmea que me encanta,  
porém, perturbado sou  
pelo tempo da casa que ocupo,  
exalando um perfume,  
um cheiro, uma demência.

Certo tempo, disse-me:  
tome seu rumo.  
E de peito doído,  
expus-lhe: procure sua paz.

## Tankas

I  
O verso crepita –  
chama no poema do outro,  
fala do poeta:  
esquece o poema e mata  
um homem que há dentro dele.

II  
O tempo da flor:  
breve vida perfumada –  
imagem, paixão  
de apenas por outro instante,  
madrugadas dos amantes.

## Haikais

Tememos a dor,  
alimentemos o corpo,  
vivificando a alma.

Se o jardim revela  
flores, insetos, odores:  
toda a vida em tela.

A maçã bichada,  
lagarta pelo furo olha:  
rango descartável.

No canto da árvore,  
a cigarra pela casca,  
canta e se renova.

# son Rodrigues

ILUSTRAÇÃO: TONIO



**José Edmilson Rodrigues** é natural de Campina Grande. É poeta, ensaísta, advogado. Mestre em Literatura e Interculturalidade. É autor de 'A Solidão dos Olhos e as Vertigens do Tempo' (Poesia. Editora Mondrongo. 2018); 'A Poética do Ridículo – Crônicas & Ensaios' (Editora Mondrongo, 2019); 'Duetos de Manhãs: Haikais' (Editora Mondrongo, 2022). É membro da Academia de Letras de Campina Grande-PB (ALCG), membro da UBE – União Brasileira de Escritores, Paraíba.

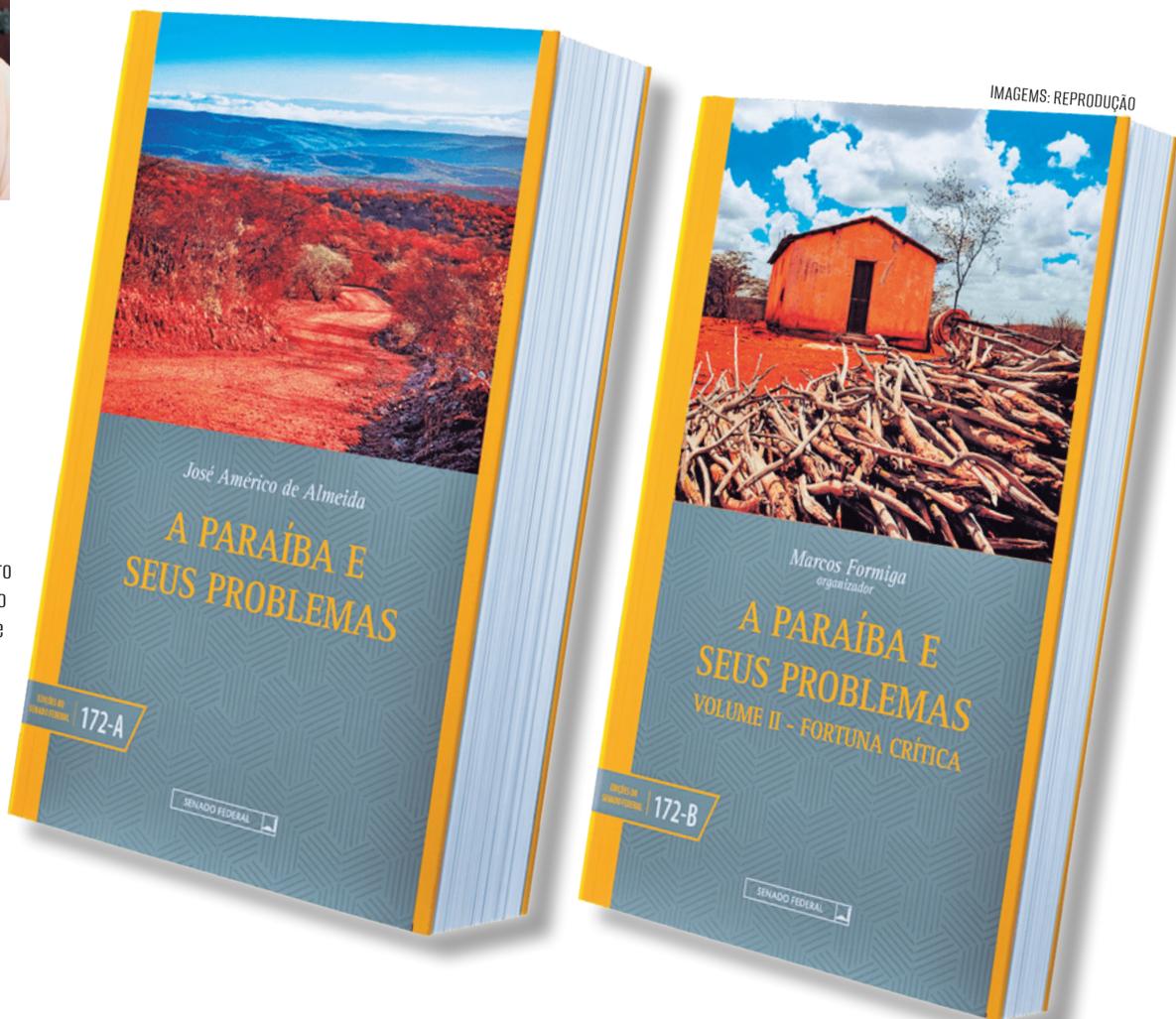




**Hildeberto Barbosa Filho**  
hildebertopoesia@gmail.com



Senado reeditou o livro seminal de José Américo de Almeida junto com um volume extra, que reúne a fortuna crítica da obra: cruzamento dialógico de saberes explorados em perspectiva transdisciplinar



## Obra centenária e fortuna crítica

'A Paraíba e Seus Problemas' se se consolida enquanto obra de pensamento, também se perfaz como obra estética

Não sei se alguém já disse que *A Paraíba e Seus Problemas*, de José Américo de Almeida, é um livro seminal. Caso, sim, não importa. Ratifico a afirmativa, sem temer os riscos da repetição. O atributo "seminal" remete a sêmen, à semente, ao que semeia. Portanto, posso assegurar, sem titubeios, que esta obra do autor de *A Bagaceira* é livro semeador. Semeador em múltiplos sentidos.

Tirante, por exemplo, *Reflexões de uma Cabra*, de 1922, entendo, seguindo os rastros de alguns analistas, que grande parte da obra de José Américo de Almeida, inclusive a ficção, está como que embutida, em suas linhas matriciais, nas páginas da monografia de 1923. Por outro lado, germina, na distribuição de seus capítulos, uma série de categorias e conceitos de natureza antecipatória, dentro dos estudos regionais, considerando-se, sobretudo, os aspectos científicos das diversas disciplinas humanas e sociais, a exemplo da geografia, da história, da antropologia, da economia, da ecologia, da geologia e da administração pública.

Consiste, pois, *A Paraíba e Seus Problemas* num cruzamento dialógico de saberes explo-

rados em perspectiva transdisciplinar, vincado, pelo menos para mim, numa linhagem reflexiva e descritiva que tem, em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, seu paradigma primeiro. Como este, pertence à tradição dos grandes ensaios de civilização a que se refere Franklin de Oliveira, ao se debruçar, em *A Espada e a Letra*, sobre a questão genológica da obra máxima do autor de *Contrastes e Confrontos*.

Aqui, inclusive, associando *Os Sertões* aos recortes históricos empreendidos por nomes, como Burckhardt, que escreveu acerca da renascença italiana; Huizinga, sobre o outono da Idade Média na Borgonha; Paul Hazard, a respeito da crise da consciência europeia no século 18, e Werner Jaeger, voltado para a compreensão da *paideia* grega. Para o crítico maranhense, estes estudos se configuram como “ensaios de crítica histórica”, e, curiosamente, pelas ondulações estilísticas, podem perfeitamente ser caracterizados como obras de arte literária.

Assim ele vê *Os Sertões*.

Lendo e relendo, em especial, certos capítulos de *A Paraíba e Seus Problemas*, tais como “Terra ignota”, “O martírio” e “O abandono”, além de variadas construções fraseológicas que perpassam todo o texto, parece-me sensato e justo enquadrá-lo nesta qualificada tradição.

Se se consolida enquanto obra de pensamento, também se perfaz como obra estética, à semelhança de monumentos, como *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Os Donos do Poder*, de Raymundo Faoro. O próprio Gilberto Freyre, em texto de 1977, inserido na 23ª edição de *A Bagaceira*, da José Olympio e Fundação Casa de José Américo, evocando passagem de *Tempo Morto e Outros Tempos*, assim se expressa: “Livro de sociólogo do qual, entretanto, houve quem, em tão muito jovem e sem pretensões a crítico literário, ao comentá-lo, destacasse em algumas de suas páginas certa pungência ou certo sabor de romance russo. Isso mesmo: sabor de romance russo”.

Reforça, ainda, o seu caráter seminal o conjunto de abordagens, artigos e prefácios que vêm se produzindo ao longo do tempo por vozes autorizadas no campo da análise e da exegese, tendo-o como objeto



FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

José Américo de Almeida se dedicou com paixão ao relatório encomendado por Solon de Lucena, transformado em ensaio crítico de nítido valor científico e literário a respeito da Paraíba e do Nordeste

de estudo, focalizado em diversas facetas cognitivas.

O próprio José Américo de Almeida, em prefácio à primeira edição, atua como leitor de si mesmo, trazendo à tona matizes relevantes da produção do texto, a princípio, encomendado pelo presidente do Estado, Solon de Lucena, como um relatório destinado a Epiácio Pessoa, a título de reconhecimento pelas suas obras contra as secas, porém, transformado num ensaio crítico de nítido valor científico e literário a respeito da Paraíba e do Nordeste.

O que se deu, certamente, pela seriedade e pela paixão com que José Américo de Almeida se dedicou à empreitada, sempre atento ao poder da observação crítica diante da realidade regional, em seus tópicos, temas, problemas e desafios, ao mesmo tempo em que não descarta do brilho e do rigor da melhor palavra no melhor lugar possível, como exige Coleridge na execução da escrita poética.

Josué de Castro, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Jackson de Figueiredo, José Honório Rodrigues, Manuel Correia de Andrade e Alceu Amoroso Lima são, entre outras personalidades do universo aca-

dêmico e intelectual, as referências primeiras de uma fortuna crítica que se avoluma e se consagra em torno da obra centenária do velho solitário de Tambaú.

Agora mesmo, por ocasião da 6ª edição, em projeto do Senado Federal, no ano do centenário da obra, vem a lume uma série de estudos que procura, cada um a seu modo e dentro do corte epistemológico escolhido, dialogar com ela a partir de seus vocativos temáticos, estruturais e estilísticos, atentos, todos, à riqueza e à variedade de suas fontes de saber, à magnitude de sua documentação, aos dispositivos inovadores de suas concepções, às suas componentes tectônicas e à energia semântica que se dissemina pelo organismo expressivo e vocabular.

Irene Rodrigues da Silva Fernandes, Janete Lins Rodrigues, Flávio Ramalho de Brito e Jean Patrício da Silva, José Nêumanne Pinto, José

Octávio de Arruda Mello, Marcos Formiga, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, Maria do Socorro Silva de Aragão, Neide Medeiros dos Santos, Rossini Corrêa e Vamirech Chacon participam desta *Fortuna Crítica*, trazendo as devidas contribuições analíticas de suas respectivas áreas de estudo, ao mesmo tempo em que facultam, ao leitor de *A Paraíba e Seus Problemas*, novas veredas de acesso ao complexo científico e literário de que a obra dispõe em sua feição poliédrica e politêmica.

Irene Rodrigues, em *Um Livro Secular - Nada de Novo*, procura passar a limpo as indicações sugestivas dos diversos prefácios que aparecem nas sucessivas edições, especialmente os escritos por José Américo de Almeida, Josué de Castro, José Honório Rodrigues e Manoel Correia de Andrade. Alia, assim, seu olhar de historiadora a implicações de ordem metacrítica, chamando-nos a atenção para a natureza vestibular e didática de textos, ou melhor, “paratextos”, como estes.

Vê-se, a partir da releitura destes prefácios, a riqueza dos interesses de estudo que o ensaio do autor paraibano pode comportar e como muitos dos problemas focalizados permanecem ainda sem as soluções adequadas do poder público.

Em “A presença da Geografia em *A Paraíba e seus Problemas*”, Janete Lins Rodrigues, parte do princípio “predominantemente geográfico” do livro, para demonstrar, com a agudeza própria dos bons geógrafos, o quanto a natureza também se faz um dos seus grandes, senão o maior, de seus personagens.

Os movimentos atmosféricos, a geomorfologia, as secas, a gente nordestina são tópicos sobre os quais a analista se debruça, relevando a perspectiva moderna com que José Américo explora a noção de espaço, visto em sua “totalidade”, “sem admitir”, salienta ela, “a clássica divisão da geografia em dois ramos: Geografia Física e Geografia Humana, considerando a Geografia uma só”.

Janete ainda acentua, em suas conclusões, os dados do lirismo, da imaginação e “o senso poético” presentes nesta e em outras obras do escritor paraibano. Para ela, “*A Paraíba e Seus Problemas* é um dos mais

sérios e profundos documentos da história socioeconômica paraibana, quiçá regional e brasileira”.

Flávio Ramalho de Brito e Jean Patrício da Silva, em texto a quatro mãos, “O livro *A Paraíba e Seus Problemas* e a sua primeira análise crítica”, trazem à tona as circunstâncias que deram motivo à obra, de relatório solicitado pelo presidente Solon de Lucena, transmutado em ensaio monográfico pioneiro, e as informações acerca do primeiro artigo crítico escrito sobre ela, a cargo de Gilberto Freyre, publicado em 15 de maio de 1924, no *Diário de Pernambuco*.

Lá, ressaltam-se as tensões vividas pelo governo de Epitácio Pessoa no que tange à política das obras contra as secas, assim como a necessidade de se projetar um livro que a pudesse defender. Aqui, são pinçadas as primeiras impressões do autor de *Sobrados e Mocambos*, inclusive com leves discordâncias, que, todavia, não chegam a comprometer o equilíbrio da obra, pois, assevera, “Tanto há no livro do sr. José Américo de provocante e digno de nos reter, que é como um lago cheio de peixes, à beira do qual se tem vontade de ficar dias inteiros, pescando à linha”.

“José Américo, modernista avant la lettre”, eis o lúcido e ousado ensaio escrito pelo jornalista, escritor e poeta José Nêumanne Pinto.

Não se circunscreve apenas a *Paraíba e Seus Problemas*, embora o situe, o livro, dentro da tradição das grandes monografias estaduais, a exemplo do que fizeram, entre outros, João Francisco Lisboa, no Maranhão; Tristão de Alencar Araripe, no Ceará; Pizarro e Araújo, no Rio de Janeiro; José Miguel de Brito, em Santa Catarina; José Feliciano Fernandes Pinheiro, no Rio Grande do Sul, e João Felício dos Santos, em Minas Gerais.

Associa-se ao historiador José Honório Rodrigues, ratificando considerações feitas por ele no artigo, “Um livro exemplar”, e coteja, em certo sentido, a figura de José Américo de Almeida, sobretudo no capítulo da fome, com Josué de Castro. Nêumanne vê, no autor de *A Bagaceira*, não somente um ensaísta de fôlego, fundamentado e precursor, mas um modernista antecipado, já com *Reflexões de uma Cabra*, de 1922, no

terreno da ficção, assim como, com *A Paraíba e seus Problemas*, no campo dos estudos sociais e econômicos.

Situa o romance de 1928, saudado efusivamente por Tristão de Athayde, como uma obra enquadrada na vetusta e dilacerada tradição do êxodo bíblico; *Boqueirão*, tematizando o problema das secas e da açudagem, e *Coiteiros*, o do cangaço e do banditismo social.

O jornalista, sem esconder seu lado destemido e polêmico, vem de perfilar-se ao lado de José Pereira Ramos, de quem transcreve estas palavras: “Há um anacronismo que precisa ser urgentemente corrigido na história literária do Brasil. José Américo não é apenas o precursor do romance nordestino: é também pioneiro do próprio modernismo literário e artístico brasileiro”.

Texto eivado de ideias sugestivas para as melhores discussões, este de José Nêumanne Pinto, lavrado com fluência verbal e sob aquele olhar típico e diferenciado do genuíno jornalista.

José Octávio, historiador de formação acadêmica, procura abordar, em “Um livro do Nordeste ao banditismo social”, ângulos temáticos que passam pela formação e conceito de Nordeste, pelos desdobramentos da autoria da obra, sua ideologia, seca, cangaço, banditismo social, canibalismo, finanças públicas e estilística.

Além do critério didático e pedagógico, da esquematização sucinta esclarecedora, há um ponto forte no estudo de José Octávio, entrevistado na persuasiva contextualização da obra, como também a retomada da ideia, talvez já insinuada por Gilberto Freyre e, mais adiante, sedimentada por Tarcísio de Miranda Burity, de que, na expressão do historiador hororiano, “toda a criação americana acha-se esboçada em *A Paraíba e seus Problemas*”. Portanto, mais uma vez, um livro matriz. Um livro que se abre, como um vasto e profundo portal, para a elaboração de outros livros.

Também podem ser enaltecidos, na escrita de José Octávio, o lastro bibliográfico, as equiparações livrescas, as correlações ideativas, envolvendo a diversidade dos autores, suas teorias e seus conceitos. Em certo sentido, acena para o diálogo possível que a obra de José Américo



FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

estabelece e exige para uma mais completa e mais complexa leitura e compreensão do seu profundo sentido.

Marcos Formiga, na esteira dos estudos econômicos, políticos e administrativos, focaliza *A Paraíba e Seus Problemas*, em torno, sobretudo, de sua “Fortuna crítica”, num ensaio denso e atualizado, em que são retomados múltiplos matizes abordados pelo crivo científico de José Américo. Seu poder de imaginação e sua intuição sociológica.

No tópico, “Realidade ampliada”, destaca o caráter “inter e transdisciplinar” da obra e considera José Américo “profundo conhecedor de sua terra e sua gente, pelos mais diversos ângulos de domínios: físico, químico, meteorológico, geográfico, histórico, econômico, antropossocial e literário”.

Enriquece, ainda, seu texto com análises que envolvem discussões a respeito do “cenário político institucional da Parahyba do Norte”, a herança estrutural da escravidão e suas desigualdades, o debate em torno das soluções hidráulicas, até o momento em que atinge “O salto no tempo, divisor de águas?”, para culminar com reflexões sobre polí-

ticas públicas de agora e do futuro, na Paraíba, no Nordeste e no Brasil.

Seu texto faz pensar na enorme e decisiva contribuição deixada por esta obra centenária, o quanto, ainda, ela pode servir como guia de projetos políticos e sociais que visem, de fato, a transformação da realidade regional e a integração do homem nordestino na sociedade. Sociedade mais justa, mais igualitária, mais cidadã.

Romancista, autora de *Luz do Abismo* e *O Seminário*, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, em “Pátria amada”, afirma que o leitmotiv de *A Paraíba e Seus Problemas* reside no “profundo amor” que o autor manifesta em relação à sua terra. “Um amor que transudava do texto do ensaio, assegurando-lhe eloquência e brilho”.

O nutriente romanesco e a componente trágica, observados por diversos intérpretes, são retomados pelo texto de Maria Cristina em clave ficcional. Para ela, “desde as primeiras frases de *A Paraíba e Seus Problemas*, Zé Américo teve dificuldades de disciplinar o romancista que nele se agigantava”.

Socorro Aragão, em “Glossário de *A Paraíba e seus Problemas*”, põe

Na ‘Fortuna Crítica’ lançada recentemente, especialistas abordam a obra e o autor; para uns, José Américo (ao centro) não foi somente um ensaísta de fôlego, mas um modernista antecipado

em prática, como já o fez antes, com José Lins do Rego, Augusto dos Anjos e o próprio José Américo, com *A Bagaceira*, seus conhecimentos linguísticos e filológicos, no sentido de verificar as particularidades lexicais destes autores e de suas respectivas obras.

Pesquisa de viés propedêutico, didático, presta, sem dúvida, um inestimável serviço a estudantes, a professores e a todo aquele que, por esta ou aquela razão, tenha interesse na obra de José Américo de Almeida, principalmente se se leva em conta a dificuldade etimológica dos muitos termos científicos e especializados que aparecem no seu texto.

Neide Medeiros, por sua vez, em “Aspectos estilísticos e intertextuais em *A Paraíba e Seus Problemas*”, privilegia, como o próprio título do artigo sinaliza, os escaninhos literários da expressão americista.

Partindo de textos de Zé Lins, Elizabeth Marinheiro, Nilce Sant'Anna Martins e José Brasileiro Vilanova, entre outros, enfatiza a tonalidade poética do autor, o uso das metáforas e das imagens, chegando a cotejar certas passagens com as tomadas grotescas e fortes de um Cândido Portinari.

No nível das relações intertextuais, ou, melhor dizendo, intratextuais, tece um engenhoso e eficaz paralelo entre os parágrafos iniciais de *A Bagaceira* e algumas passagens de *A Paraíba e Seus Problemas*. Aqui, uma vez mais, evidencia-se, no estilo de José Américo, aquela nota verbal que José Veríssimo identificou em Euclides da Cunha, quando de sua leitura de *Os Sertões*, isto é, um estilo ao mesmo tempo de um cientista e de um poeta.

Rossini Corrêa, a seu turno, com o ensaio "José Américo de Almeida, libertador de sua terra: um bacharel renascentista escreveu *A Paraíba e Seus Problemas*", toca fundamentalmente na problemática do livro. Do livro em geral, sua história desde os paradigmas mais remotos, até chegar à composição do livro singular de José Américo.

Para Rossini Corrêa, *A Paraíba e Seus Problemas* é um clássico, nos moldes de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre; de *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Júnior, e de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Observa, nele, também sinais de interdisciplinaridade, o que o leva a configurar, na medula do seu ensaio, a ideia de que José Américo de Almeida pode ser visto como um "intelectual renascentista". À semelhança de um Leonardo Da Vinci, um Rafael de Sânzio, um Pico de La Mirandola e um Michelângelo Buonarroni, intelectuais, diga-se de passagem, "de um tempo em que a razão não estava fragmentada e a serviço de instrumentalidades mecânicas do particular sem o universal".

Finalmente Vamirech Chacon, em texto mui breve, uma mera saudação, intitulado "Perene atualidade de José Américo", comparece, com valoroso seu testemunho sobre a qualidade e a permanência deste livro original.

Sem dúvida, um livro original. Um livro feito por encomenda, mas escrito por um homem que conhe-

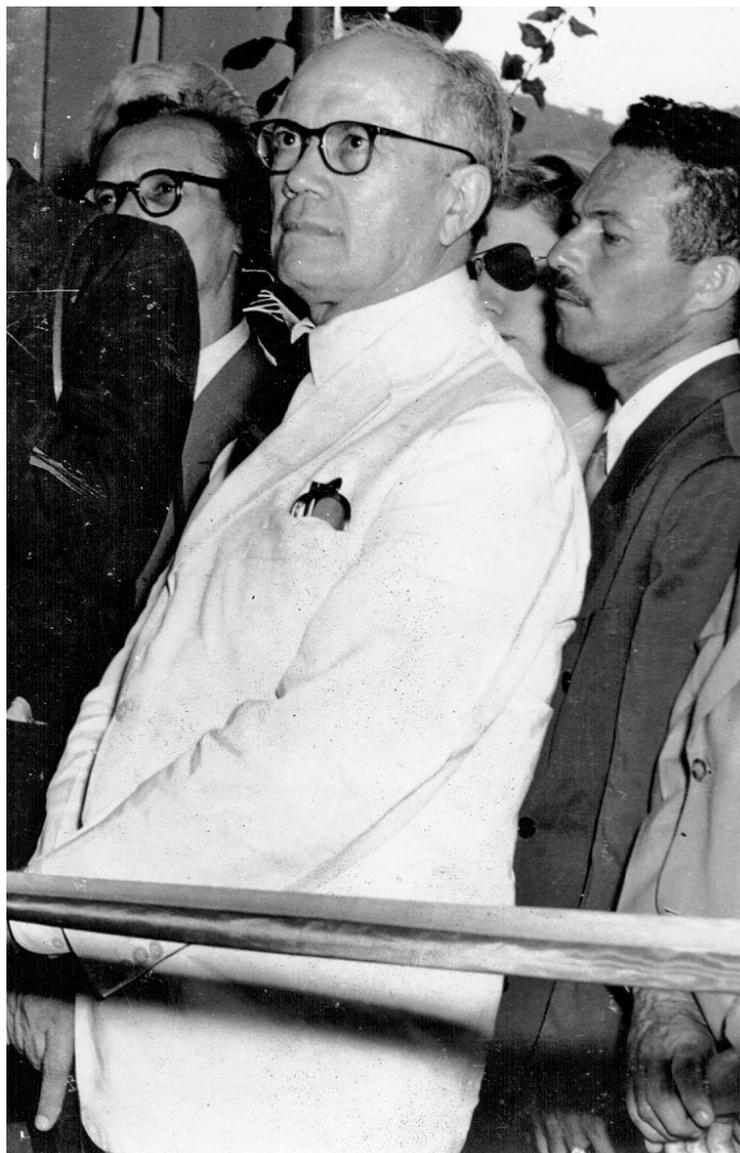


FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

cia sua região como poucos e que, motivado pelo sentimento telúrico e pelo dever cívico, soube fundir o olhar do político atento às mazelas e aos flagelos sociais da Paraíba e do Nordeste ao olhar do escritor literário que sempre foi. Tanto na ficção quanto nas memórias, no ensaio e na oratória falada e escrita.

Louvável, portanto, o gesto dos organizadores desta *Fortuna Crítica* que sai emparelhada com a edição centenária de *A Paraíba e Seus Problemas*. Com textos de variado tom e perspectiva; uns, mais densos e mais verticais; outros, mais leves, tão só descritivos, informativos. Cada um, no entanto, dentro de seus limites e

José Américo é descrito como profundo conhecedor de sua terra e sua gente, pelos mais diversos ângulos de domínios: físico, químico, meteorológico, geográfico, histórico, econômico, antropológico e literário

finalidades cognitivos. Todos, no seu esforço e motivação, contribuindo para uma mais larga e mais funda interpretação do livro objeto de estudo. Confirmando, indiscutivelmente, o selo incontornável de *A Paraíba e Seus Problemas* como um livro matriz, um livro seminal, um livro sêmen, um livro semente, um livro que semeia...

**Hildeberto Barbosa Filho** é poeta e crítico literário paraibano. Professor Titular aposentado da UFPB, Universidade Federal da Paraíba, mestre e doutor em Literatura Brasileira. Licenciado em Letras Clássicas e Vernáculas, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, com especialização em Direito Penal (USP – Universidade de São Paulo). Membro da APL – Academia Paraibana de Letras, colunista do jornal *A União*, do Portal MaisPB e da revista *Correio das Artes*. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, do ensaio, da crônica e das memórias.



Larissa Rodrigues

larissa.733@gmail.com

afinal, o que quer uma mulher?

## Uma carta para J

Quando penso em você, de imediato me vejo tomada pelas tuas confusões. Sim, você é confuso, e eu aprendi a admirar cada atitude antagônica. Mesmo sendo eu tão certinha, quando se trata de você, me viro em atitudes destoantes. Você me destoa!

Ah, e o que me importa?

Certa vez, você me perguntou, entre um trago e outro, por que não consegue amar ninguém. Nenhuma mulher me mostrou o que é o amor, você disse. Como se você estivesse disposto a renunciar ao controle. A princípio, parecia que o questionamento estava errado, o vinho tem lá seus efeitos..., mas você repetiu a pergunta. Senti vontade de bater em você, mas eu não sou sua mãe e, mesmo que você quisesse me colocar nessa posição, eu não poderia aceitar ser mãe do meu homem.

Recordo bem que levantei, e isso já eram quase duas da manhã. Esbravejei e disse que ia embora. Atuei como uma adolescente em fúria e você não me conteve. Entramos no carro e, perto do rio, o veículo parou, ou melhor, você parou, e nós rimos. Fomos felizes naqueles dias. Aprendi que, com você, tudo é nada e nada pode ser o mundo inteiro. Simplesmente porque você é essa confusão de emoções que me toma e me faz sorrir e chorar, por vezes as duas coisas ao mesmo tempo.



Tenho cá comigo que poucos podem compreender esses momentos que são só nossos. Ninguém percebe o seu olhar aflito, tampouco quando você quer disfarçar que olha para algum lugar desprezível. Eu conheço seus cuidados e reconheço seus descasos.

A névoa que coroa suas fantasias vem da infância. Entre uma estrada e outra, você foi acreditando que podia desaparecer, e olha só, você não joga nada fora. Até mesmo alguns montes de alguéns que já deveriam estar em outras trilhas bem distante das suas. Acho que é esse menino perdido que nunca se achou que tentam salvar. E será que há salvação? Você me fez pensar que nada se salva, por isso mesmo vamos do céu ao inferno juntos. No fim ainda estamos aqui, juntos e separados. Mesmo que o fim esteja anunciado.

Sabe de uma coisa? Eu gosto de você. Mesmo não compreendendo seu universo, gosto muito de você. Não sei bem quando parei de procurar entender suas formas de brincar no mundo, essa tenta-

tiva me parece mais um ato maníaco de quem precisa de respostas, e nenhuma virá de alguém que caminha sem bússola. Mesmo na hora certa, jamais poderei contar com suas explicações. Elas simplesmente não existem, todas estão nas estradas que você percorreu. Um menino não abandona seu destino nem reconhece sua casa, e onde mesmo você mora?

Absolutamente nada satisfaz o seu vazio. Enquanto isso, me jogo nos seus precipícios na esperança tola de segurar sua mão. Pensei em te fazer um poema, mas lembrei que não sou poeta. Não sou nada diante de seus grandes cânions de emoções acumuladas. Escute só. Talvez não deva gostar tanto de você. Posso acabar me afogando no seu oceano de águas turvas. Se eu pudesse definir você com uma só palavra, essa palavra seria autossabotagem. Não que eu sinta compaixão de suas escolhas, só lamento tudo de bom que joga fora, enquanto os entulhos sem fim tomam conta do seu fim.

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance, *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa.

# Descartes entre as capitanias de Pernambuco e da Parahyba

Ana Monique Moura

Especial para o *Correio das Artes*

A obra *Catatau* (Illuminuras, 2015), de Paulo Leminski, despontou no universo literário brasileiro como uma coisa surpreendente em termos de manejo de linguagem e autenticidade no jogo dos signos e dos significantes. Sua escrita elástica propiciou um alargado umbral de significados imagéticos dentro de uma narrativa inebriante e, ela própria, fincada na representação de um jogo de ideias se passando em um cérebro embriagado. Estamos falando de René Descartes na Capitania de Pernambuco, enquanto se enerva de cachaça e de delírios causados pelo choque térmico e cultural em um europeu, imaginem, cheio de roupas atravessando as geografias tropicais fervorosas.

Mas Paulo Leminski não foi o único que imaginou como seria Descartes entre as capitanias brasileiras. Temos o exemplo de José Flávio da Silva, escritor paraibano que publicou a obra *Descartes na Capitania da Parahyba* (Editora UFPB, 2011). Sua intenção foi a de escrever um livro que pudesse ser lido pelo público juvenil, mas o livro tem uma dimensão que dispensa um limite de faixa etária de leitores, pela riqueza narrativa e dos elementos trazidos, envolvendo a história e a ficção.

No caso do livro de Leminski, toda a narrativa da obra está colocada numa perspectiva subjetiva, apontando para o maior legado de Descartes

em um dizer: “*cogito, ergo sum*” (*penso, logo existo*). Assim, toda a paisagem e os elementos nela são apresentados ao leitor desde o pensamento gerado por Descartes enquanto um protótipo e um propósito de um sujeito que existe mediante o que pensa e por causa do que pensa. Então, com Descartes embriagado e em estado de confusão diante do choque térmico e cultural, o mundo se lhe apresenta ébrio e confuso, e mesmo, em um “labirinto de enganos deleitáveis” (LEMINSKI, 2015, 15).

A consciência é colocada, ao fim, como linguagem desdobrada. Se desdobra enquanto tal, aliás, se realiza e se fixa enquanto tal. A linguagem legítima o que é percebido mentalmente. Por isso, ela é truncada, miscigenada, dançante, amorfa, errada e errante. Já na obra de José Flávio da Silva, a escrita em seu livro procura apresentar um tom imaginativo bastante matizado, não chega a ser carregado daquele lúdico juvenil aflorado (o que poderia se esperar de uma obra endereçada ao público jovem), pois surpreende pelos detalhes que são inúmeros. Também o livro não possui as carregadas tomadas de transgressões da linguagem como atestamos com Leminski. Mas, como em *Catatau*, José Flávio da Silva mostra a preocupação em apontar para o modo como Descartes percebe o entorno tropical e como isso acaba influenciando seu pensamento.

É isso para isso que, ao mesmo tempo, os dois autores apontam. A imensidão significativa dos trópicos se revela como uma arrebatadora circunstância diante da qual a alma europeia, exposta na alma cartesiana, não consegue ter forças de superar e sair ilesa. Essas obras acabam por mostrar, a partir do arquétipo do pensador europeu, enquanto líder filosófico de uma expressão cultural de um tempo, que os trópicos brasileiros somam uma materialidade grávida de outra vertente de pensamento e visão de mundo, talvez de uma filo-

**Essas obras  
acabam por  
ser uma ironia  
divertida de uma  
epopeia filosófica  
que desestabiliza  
a própria filosofia  
de sua mesmice  
racionalista**

sofia mesmo absurda, se comparada à rigidez do pensamento cartesiano clássico. Um pensamento capaz de desestabilizar o rigor e matemática, ou ainda, a organização rígida do pensamento enquanto existência, mas ainda assim mantendo ou mesmo oferecendo uma outra forma de estrutura legítima de pensamento. No livro de José Flávio Silva, Descartes fala: “Nesse novo mundo aprendemos com eles.” (SILVA, 2011, p. 113).

Em *Catatau*, Leminski faz Descartes disparar em seu português truncado e metafórico: “Grato pelos dias que tenho passado em clímax de horrores, ciladas nos maus pedaços, piscapau na muralha de madeira, caruncho das ilhas na cabeça pensamentosa, um nome no pijama de madeira” (LEMINSKI, 2015, p. 138). Nas duas obras, o pensamento enquanto existência é uma matização dançante de cores, confusões, noções frágeis, inversões de papéis e curvas ao que o próprio Descartes se rende.

Aos poucos, durante a leitura dessas obras, podemos apostar livremente para que Descartes não é exatamente, ou apenas, Descartes, o filósofo. Mas a representação da própria alma europeia no seu dilema e choque com a dimensão tropical do território brasileiro e o que, disso, transborda em força de percepção e consciência transmutadas, divergentes, transgressoras, rebeldes.

Essas obras acabam por ser uma ironia divertida de uma epopeia filosófica que desestabiliza a própria filosofia de sua mesmice racionalista. Um convite a entrar no universo confuso, ao invés de estável, embriagado, ao invés de sóbrio, tropicalizado, ao invés de invernado, de uma mente que se descartesiana aos poucos... É quase uma ode dançante decolonial, que nos chega antes do tema decolonial se fazer mais presente na literatura, um elogio ao poder daquilo que ultrapassa a racionalidade e de como o que é considerado absurdo pode ter sua própria dimensão reveladora e mesmo mais potente que a razão clássica. É, ao mesmo tempo, um atestado de como certas filosofias dependem de seu entorno e são endereçadas ao seu entorno.

A suposta universalidade de um

IMAGEM: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA



Descartes não é apenas Descartes, o filósofo, mas a representação da própria alma europeia no seu dilema e choque com a dimensão tropical do território brasileiro

conceito ou de uma verdade racional parece ser, então, um mito, um sonho, um ideal, quando tenta ir para além dos seus limites territoriais e culturais. A organicidade da condição humana, vivida por Descartes, parece protestar contra todo tipo de ideal racional, clamando novas formas de pensamento, metafísicas viscerais, certezas transitáveis. Por ironia, o real Descartes, apesar da rigidez racionalista, era um defensor da dúvida como caminho, método. Mas se tratava de um caminho com um fim na certeza, enquanto conclusão. Nos trópicos, tal fim se lhe torna, porém, inalcançável, quando não apenas difícil ou passageiro.

Ana Monique Moura é paraibana (1988), professora na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É doutora em Filosofia pela UFPB/HGB, Leipzig, Alemanha

# José Sarmiento:

## Vivências, trajetória e obras do escritor

José Sarmiento, em depoimento à Sérgio de Castro Pinto  
Especial para o *Correio das Artes*

José Sarmiento nasceu e viveu até os 19 anos no distrito de São Gonçalo, cidade de Sousa, Estado da Paraíba. Foi criado como potro no pasto livre entre a caatinga e as várzeas verdejantes nos períodos chuvosos. Nasceu no dia 19 de março e acha ser protegido pelo santo protetor do agricultor nordestino São José.

Teve dificuldade de aprendizado nas escolas que frequentou quando menino sapeca. O bê-a-bá do traçado da alfabetização não entrava com facilidade no seu ensino aprendido. O movimento de gente e coisas fora da sala de aula lhe chamavam a atenção mais do que os escritos e falas das professoras.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL / JOSÉ MARQUE SARMENTO

Paraibano de Sousa, o escritor José Sarmiento migrou para SP ainda adolescente

### Tudo por inveja

Diz que foi por inveja que resolveu dar um gás na sua alfabetização atrasada. Deixou cair a ficha na consciência, de que deveria aprender a ler para deixar de ser como eram seu pai e sua mãe: analfabetos. O menino via e escutava jovens da sua idade ou mais novos lendo livros em algum canto da pequena praça. Contavam histórias sobre o prazer da leitura. Aquilo o despertou e o tocou por dentro. Resolveu que era hora de levar a sério aprender a ler e escrever. Com pressa.

Já estava com 13 anos. Depois de contar desse desejo para a mãe, ela arrumou uns trocados. Não sabe explicar direito de onde Dona Francisca reservou dinheiro para fazer o desejo do filho, que, por bom tempo, ficou no seu ouvido dizendo que gostaria de estudar no lugar em que as crianças aprendiam a ler depressa. O não saber lhe causava desgosto.

Foi matriculado numa escolinha particular das professora Maria das Neves Pordeus. Usava um método que era tiro e queda para pôr na cabeça dos meninos de como sair da leitura soletrada. A palmatória. Preparado por Maria das Neves para o exame de admissão, fez uma prova para estudar a 5ª série, à noite, passou, já estava com 15 anos.



pobres. Muitos votos arregimentavam nas famílias de muitos filhos.

## A viagem

A tristeza bateu quando o dia chegou e Zezito começou ajeitar os panos velhos numa malinha de Eucatex que o irmão emprestou. Entrou num fusca ao sol se pondo no horizonte depois de abraçar a mãe, o pai e alguns irmãos que estavam presentes.

Olhar triste e já saudosos bateu mais forte quando o motorista acelerou o carro se afastando da porta da sua casa, momento em que Zezito se virou para trás e viu Dona Francisca mexendo os braços no adeus do quarto filho acompanhando para a cidade grande, o segundo filho que se casara forçado no delegado, em que largou os estudos do científico e retirou-se para São Paulo com a mulher já grávida.

As lágrimas intimamente visitaram o rosto de José Marques Sarmiento quando partiu de casa em janeiro de 1977, deixando a nova casinha caiada de piso cimentado construída pelo governo em outro lugar da vila operária.

A casa de taipa onde Zezito nasceu e viveu até os dezesseis anos, tinha ido ao chão pela fúria da força dos tratores de esteira, juntamente com toda favela Pé de Serra. Quem não era funcionário público teve que se mudar. O governo da ditadura militar no início dos anos de 1970 aprontava a retomada de construções de drenos, canais de irrigação, desassoreamento do Rio Piranhas. Os agricultores do polígono das secas do sertão receberiam lotes de terras para plantar todo tipo de cultura que a rica terra preta produzia.

A Rodoviária do Bom Retiro, São Paulo Zezito desceu do ônibus fedorento com olhos vidrados no movimento de tanta gente circulando, outros parados pedindo ajuda com as mãos estiradas segurando um chapéu. O pai Antônio Aurélio, analfabeto, dizia: quando chegar em São Paulo, procure descansar primeiro, filho, no outro dia você tem mais tranquilidade para começar a pegar dinheiro nas ruas. Metáfora compreendida muitos anos depois. Risos.

Ao entrar no trem que o levaria para a casa do irmão na estação da luz no horário de pico, Zezito sentiu de

cara que deveria voltar, assim como outros irmãos fizeram ao longo do tempo.

Não estava preparado pra tanto arrojo e aperto entre pessoas desconhecidas, com algumas delas tentando meter a mão no alheio e levar para casa pertences sarrupados dos trabalhadores.

## O primeiro emprego

Depois de Zezito labutar por um emprego que desse para ser ocupado por quem tinha a 8ª série e não sabia fazer nada na indústria, construção e serviços, foi aceito para trabalhar de ajudante numa grande metalúrgica. Três meses de experiência foram suficientes para os chefes descobrirem que o rapaz magrinho, não serviria para serviços pesados de levar para um lado e outro ferragens em formatos de produtos para a indústria pesada. Era um rapaz sonhador.

## A dispensa

Alguns dias depois de estar desempregado, Zezito saiu de Santo André desanimado em busca de novo emprego no mais cedo de um dia útil. Pegou o trem lotado com o espírito verrumado de medo de entrar nos meandros das ruas da metrópole paulistana. A estação da luz foi o fim da linha nessa viagem de aventura sozinho em busca de nova colocação.

Amedrontado e respeitoso nas ruas de prédios altos de perder de vistas da região central de São Paulo, o rapaz quase menino no tamanho e nas feições, parou na Avenida Prestes Maia em frente a um escritório de uma construtora de nome Camargo Corrêa. Ao chegar no fim da fila de emprego, se apresentou a alguém da admissão por uma janelinha aberta, e contou sobre sua situação que achava ser um tanto dramática.

Olha tou na casa de um irmão em Santo André. Num sabe? Sou recém chegado da Paraíba, do serão. Já fui mandado embora do emprego que arrumei pela primeira vez. Moro com meu irmão. Tou querendo sair de lá. Tou atrapalhando a vida dele com a esposa e dois filhos. Ele morava numa casa boa e arejada e grande. Devido a inflação dos aluguéis teve que se

mudar pra um quarto e cozinha num quintal de um cortiço. A noite durmo num beliche com o filho mais velho de quatro anos. Tá difícil aceitar essa situação. Acho que tou atrapalhando a família. Pra diminuir o incômodo, passei a dormir debaixo da mesa da cozinha. Forro o chão com um cobertor.

E a pessoa gente boa, ele ou ela, não lembra, dava lugar da palavra a Zezito. Chegou uma hora que perguntou se ele sabia ler e escrever.

Sim!!!

Tá bom.

Preencha essa ficha e escreva isso que você falou pra mim e me convença sobre.

Tudo bem.

Dito e feito.

Zezito entende que a leitura e os estudos fundamentais o salvaram de carregar lata de concreto nas costas, de trabalhar de servente de pedreiro e outros tramos pesados como os que exerciam quando era boia-fria no sertão e na indústria pesada de metalurgia.

Foi ser auxiliar de almoxarifado e ainda mais, sair da casa do irmão e morar no alojamento da construtora que construía o metrô Praça da Sé que se estendia para as regiões leste oeste. Trabalhando no metrô, um dia lendo o jornal Diário Popular viu um anúncio que o despertou.

O tijolinho escrito era mais ou menos assim. “Quer trabalhar no cinema nacional, venha se inscrever no curso que estamos oferecendo.”

## A descoberta da paixão pelo cinema

Aconteceu na vila operária quando era criança. Assistia as fitas de faroestes, de cangaceiros, paixão de cristo, musicais, alguns coloridos, mas a maioria em p&b. Eram os filmes que passavam no pequeno cinema local.

O amor pela sétima arte, e pelas demais, como a leitura dos livros de faroeste, as revistas de fotonovela que lia na casa das primas, (na sua não tinha nada para leitura, nem rádio, nem televisão) mais tinha os violeiros se digladiando entre duplas com um mote pra lá, outro mote pra cá, mais as sanfonas abrindo e fechando os folios com os sanfoneiros embriagados de cabeça pendida pr’um lado.

As exibições dos filmes chamavam

muito a atenção do jovem. Ele fazia qualquer bico por alguns trocados para ter dinheiro para pagar e assistir aos filmes. Conta que num sábado, à noite, ia passar um filme de faroeste de muita ação e morte, e Zezito não tinha dinheiro para o ingresso.

Passando na frente do cinema com um amigo de aventura, descobriu que a porta estava aberta e não tinha ninguém por perto vigiando. Entrou com o amigo e foi para detrás da tela se pendurar nas vigas de madeira. Quando o filme fosse projetado, descobririam se dava para sair das vigas e assisti-lo sentados em cadeiras ou no chão.

Não conseguiram. Então resolveram ver o filme de trás pra frente. A tela branca era de tecido fino e as imagens vazavam para o outro lado dela. Pendurados nas vigas de peroba, junto a teias de aranhas e baratas, nesse dia viram o filme ao contrário de quem o assistia de frente.

Zezito conta sobre essa aventura e tanto de tanto amor que tinha quando era jovem pelo cinema e até hoje, aos 66 anos e aposentado da profissão que exerceu a partir de 1980 até 2018.

Zezito conta que chegou em São Paulo pensando em trabalhar no cinema nacional, tanto era a sua paixão pelas imagens em movimento. A paixão pela leitura e os livros já trouxera consigo do sertão.

Ao chegar na escolinha de cinema na rua Riachuelo para saber sobre o anúncio do jornal, descobriu que era uma produtora que fazia cinema de chanchada, e, às vezes, produzia filmes com José Mojica Marins, o Zé do Caixão. Foi aceito para estudar teoria da sétima arte e com o tempo ajudar nas filmagens como estagiário nos sets. Pronto. Estava garantido como técnico do audiovisual na indústria cinematográfica paulista começando pela boca do lixo, na rua do Triunfo, região em que hoje em dia fica situada a Cracolândia.

Como gaffer do cinema nacional em São Paulo, profissão de iluminador e elétrica chefe de equipes, ainda hoje é conhecido como Zitto pelos mais antigos. Com a profissão conheceu o país quase de ponta a ponta, fazendo longas-metragens, curtas, documentários e muitos filmes de publicidade para grandes, medias se pequenas produtoras como frila PJ.

Filmando e criando quatro filhos,

nunca parou de ler e escrever. Aos 50 anos, com os filhos criados e trabalhando menos no cinema devido diversos fatores da modernidade, resolveu que era hora de dar sequência ao sonho que tinha com os estudos, ser o primeiro dos oito irmãos se formar num curso superior. Providenciou voltar a estudar e terminar o ensino médio. Feito.

Tirou o diploma na modalidade EJA. Participou do Enem. Na nota de corte, conseguiu 100% de bolsa do ProUni. Se graduar em História para ter o direito de escrever histórias em

prosa ou versos e não deixar para ser contada por alguém de fora, os abelhudos, que não sabe direito o que é a vida de um nordestino em São Paulo, ou em outra qualquer metrópole, que têm a boca enorme aberta disposta a engolir os fracos de cabeça e os dependentes apenas do físico como padrão de vida e de beleza. José Sarmiento diz que foi o nordestino que mais se mudou em São Paulo. Morou em diversas regiões da cidade em quitinete, pensão, cortiço e outros. Até conseguir a casa própria no bairro do Campo Limpo.

## A produção literária impressa e e-book

- 1993 – *Só Falando Muito Consegui a Madonna*. Fracasso total. Escondeu esse livro por anos, até que chegou um dia que falou que o mesmo existia e assumiu seu erro.
- 1999 – *Um Homem Quase Perfeito*. Livro memorial que tem o território de nascimento como vasto terreno para sua prosa romaneada. Tem edital público para publicação.
- 2000 – *A Revolução dos Corvos e Urbanóides, Um Caos Paulistano*. Romances. Tem edital público para publicação.
- 2002 – *Paraisópolis, Caminhos de Vida e Morte*. Romance. Tem edital público para publicação.
- 2007 – *O Sequestro do Negativo Exposto*. Vaquinha junto a locadoras de luz e câmeras de cinema para publicação.
- 2011 – *Bixiga, Um Cortiço dos Infernos*. Edição independente.
- 2013 – *Ângela, Um Jardim no Vermelho*. Editora FiloCzar.
- 2018 – *Guerreira*. Edição independente.
- 2020 – *Os Miseráveis da Seca*. Editora FiloCzar.
- 2022 – *Vazante – Lá e Cá*. Prêmio ProAC da secretaria de estado da cultura de São Paulo.
- 2023 – *Aprisionado, um campeão de slam*. Prêmio ProAC.
- 2024 – *Escreve mais um livro com prêmio ProAC de título provisório, Encarniçados*, a poética do ódio.

Três livros seguidos premiados com verbas públicas para literatura que têm recortes narrativos sobre o surgimento de sarraus na periferia da Zona Sul de São Paulo, que começou ferver a partir do ano 2000, região onde José Sarmiento mora e participa do movimento falando poesia de autoria própria e de terceiros.

José Sarmiento tem como contrapartida com os livros publicados com verbas públicas, distribuir em escolas para professores e alunos da rede. Nesses três anos completará a distribuição de 1.500 livros dentro do seu projeto Educação e Poesia na Cabeça que realiza há mais de 15 anos.

Não deixando de citar dois livros em e-book que estão na Amazon, de títulos *Monalisa Dona Minha* e *Amor Esbagaçado*. No total, são 15 livros escritos e editados desde o primeiro de 1993.

A escrita de José Sarmiento nasce das suas vivências de menino e jovem no Sertão e na periferia da cidade de São Paulo, como retirante. Sua prosa, entre ficção e realidades históricas, oficiais e privados perpassa por pesquisas de campo e científica. É dessa forma que pretende seguir escrevendo seus livros romaneados.

**José Sarmiento**, 66 anos, é licenciado em História. Autor de 14 livros.

Há mais de 15 anos faz palestras, mediação e oficinas literárias em bibliotecas, contação de histórias em escolas públicas para incentivar a leitura, o livro a literatura. Mora em São Paulo (SP).

## Não acolhas nunca

Não acolhas nunca  
os malabarismos de tua imaginação

Sê fiel apenas ao dia que surge,  
como se fosse o sinal de uma  
transfiguração da dor

Não pronuncies nunca  
teu nome em vão,  
nem recolhas as rupturas  
que teu coração provoca,  
nem caminhes jamais  
ao lado de tua sombra.

Há um anjo sardônico  
que te espreita em cada esquina,  
mas não acredita no antipoema  
que ele te oferece

Há muito mais para acreditar:  
tardes sem rumo,  
um som de um piano na noite,  
as veladas promessas de velhos amantes  
que nunca se realizam

## Nas esquinas do tempo, a poesia habita

Nas esquinas do tempo,  
a poesia habita.

Filha de alvoradas  
redimida por ventos altaneiros,  
a poesia convive com a indigência dos dias,  
à espera de chuvas retardadas

Nas esquinas do tempo,  
a poesia habita.

Redimida por vezes,  
por vezes condenada ao fracasso,  
a poesia é também um barco sem rotas,  
um mapa sem signos,  
uma protetora de todas as loucuras

Nas esquinas do tempo,  
a poesia habita.

E conversa com as estrelas  
e no final da história,  
aceita as lendas cantadas pelos homens.

## Nas palavras o poeta vê

Nas palavras transitivas  
o poeta encontra a solução para o dia

Nas palavras impressentidas  
o poeta descobre a liquidez das emoções

Nas palavras dissolvidas  
o poeta vê a sombra de suas incertezas reprimidas

Nas palavras intumescidas  
o poeta presente a certeza da morte

Nas palavras desgarradas  
o poeta percebe afinal a loucura de todas as certezas

## Tudo te ofereci, Poesia

Tudo te ofereci,  
Poesia.  
O silêncio das madrugadas,  
o lume incandescente das estrelas.

As coisas mais queridas te dei,  
as vozes dos que partiram e  
as vozes dos que chegaram

Os gestos dilacerados,  
embrulhei num pedaço de sonhos e  
te ofereci

Os farrapos que vestia,  
a comida que mendigava,  
a falsa sensação de que existia  
te dei como presente.

E agora,  
poesia,  
exausto e de pé num campo claro,  
espero que me estendas as mãos e me  
redimas de todas as ilusões.b1

# berto Jales



ILUSTRAÇÃO: BRUNO PEREA CHIOSSI/A UNIÃO

**Carlos Alberto Jales Costa** é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. 'Vindimas da solidão' (poesia) é o mais recente.



# 27 anos de 'Sobrevivendo no Inferno'

Uma tragédia do mundo urbano brasileiro

Artur Maia

Especial para o *Correio das Artes*



FOTO: GFCFCFCFCFCFC



Álbum lançado em 1997 pelo grupo paulista Racionais MC's foi convertido em obra literária em 2018. Através do QR Code ao lado, ouça o repertório

Na tragédia grega *Édipo Rei*, de Sófocles, as forças superiores e enigmáticas do destino estão no comando da trama da vida humana, sem impedir, contudo, o heroísmo da indagação radical da nossa condição precária e sombria. Buscando escapar das palavras do oráculo, Édipo assassina o seu pai e se casa com a própria mãe, gerando uma prole de quatro filhos por meio dessa relação incestuosa. Mesmo com a aproximação da confirmação de sua responsabilidade nas desgraças que abatem Tebas, ele não paralisa o novelo que o torna conhecedor dessa realidade e, enfrentando um sofrimento desesperador que o faz furar os olhos, se aproxima literalmente e metaforicamente do sábio cego Tirésias.

Tal como Édipo, personagens de *Sobrevivendo no Inferno* - disco de 1997 do grupo Racionais MC's que, em 2018, também foi lançado como obra literária – travam uma luta com um destino cruel, como aponta o título, mas, nesse caso, a tragédia contemporânea narrada não exhibe nenhum sentido metafísico. A faixa 'Gênesis (Intro)', a segunda do disco, apresenta uma cisão entre o mundo de Deus e o mundo humano: "Deus fez o mar, as árvores, as criança, o amor. O homem me deu a favela, o crack, a traiagem. As arma, as bebida, as puta. Eu? Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática. Um sentimento de revolta. E tô tentando sobreviver no inferno". Assim, no contexto da maior cidade da América do Sul, onde vivem os jovens negros periféricos protagonistas da obra, o inferno quase inescapável é forjado pela própria humanidade e tem caráter imanente.

A religião e toda a ordem do sagrado seria mais arma de proteção contra o destino dos homens do que a sua causa, o que revela o caráter propriamente moderno da narrativa. "Ogunhê!", saudação e reverência ao orixá Ogum, senhor da guerra, abre o disco, seguida pelos versos de uma canção de Jorge Ben Jor, do disco *Solta o Pavão*, de 1975, devotada ao santo

guerreiro São Jorge. O início da obra mostra a realidade dos que estão em guerra e precisam de proteção na batalha. Relacionada a um contexto de exclusão, pobreza, violência, sofrimento e morte, a guerra desponha entrelaçada às consequências das relações entre as duas grandes instituições da modernidade, o Estado e o mercado capitalista.

Apesar dos personagens estabelecerem vínculos com essas instituições, a mediação institucional de suas vidas não impede, pelo contrário, reforça, a exclusão do mercado de trabalho e das instituições educacionais, da representatividade política, das decisões públicas e do acesso a serviços essenciais. Os dados elencados no começo da canção 'Capítulo 4, versículo 3' apontam exatamente para isso: "60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é primo Preto, mais um sobrevivente".

Do ponto de vista da sua relação

com o mercado, também fica patente, em muitos pontos da narrativa, como é ambígua a relação, via consumo, dos jovens periféricos com o mercado capitalista. Em alguns momentos da trama, o acesso a determinados bens de consumo é visto como um valor importante, inclusive parte da definição da identidade individual e coletiva.

Mas, em outras passagens, o consumo é encarado como algo perigoso, na medida em que o que o fundamenta, o dinheiro, é colocado acima de qualquer coisa, inclusive da vida, da solidariedade e da coletividade, ou como algo que leva ao descaminho, à perdição.

Nesse sentido, o consumo aparece como algo indigno e extremamente individualizante. Também há uma desconfiança quanto ao que é divulgado pela publicidade. O valor do consumo é contraposto, em alguns trechos da obra, à solidariedade e a uma vida simples baseada no respeito e no companheirismo.

Na realidade descrita há, ainda, um caráter inversamente proporcional entre os objetos de consumo e os jovens periféricos. Em um mundo comandado pelo mercado, enquanto

aquele é fetichizado, alçado à vida, a uma posição irreduzível na construção do sentido da vida, os jovens são desumanizados e objetificados como coisas descartáveis.

*Sobrevivendo no Inferno* fornece uma leitura sobre o Brasil urbano a partir dos que estão na base da pirâmide da hierarquia de riqueza e poder, possibilitando uma visão específica sobre as relações de dominação que condicionam as experiências cotidianas. Não são as interpretações oficiais do país que emergem daí, mas sim interpretações alternativas a partir de uma indagação radical de homens e mulheres sobre as suas relações peculiares, para não dizer trágicas, com as principais instituições da modernidade. Apesar da lei da selva, do destino/ inferno imanente quase esmagador, os jovens negros periféricos da narrativa continuam a buscar pôr em prática o princípio do modernismo, tal como definido por Marshall Berman: a tentativa de se tornar sujeito do processo de modernização. O próprio álbum dos Racionais MC's, que em 2024 completa 27 anos, "prossequindo a mística e contrariando a estatística", é uma expressão disso.

**Artur Maia** é agenciador de propaganda na Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), mestre em sociologia e professor substituto no Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Racionais MC's lançaram um disco que fornece uma leitura sobre o Brasil urbano a partir dos que estão na base da pirâmide da hierarquia de riqueza e poder



FOTO: DIVULGAÇÃO

# Amoradia, amor + moradia

(À memória de Sérgio Madeiro)

**Rodrigo Falcão**

Especial para o *Correio das Artes*

Yuri Pertnaz fez a música 'Amoradia' sob encomenda do jornalista Wendel Rodrigues para uma série de reportagens sobre habitação popular, deixando uma gravação significativa em um single lançado no começo de 2018. O destaque vai para o trombone de Sérgio Madeiro, gravado em apenas um *take* e o refrão com Diógenes Ferraz.

A música faz parte do segundo disco de Pertnaz, *Mais Futuro Que Passado*, lançado em 2020. Seu primeiro disco, *O Sol Nasce Pra Todos*, foi lançado em 2016 e teve participações especiais de Seu Pereira, Dois Africanos, Preto-A, Alex Gabinio, Letícia Costa, Thiago Almeida e Evla Bertoldo.

Pertnaz canta e interpreta a vida cotidiana sem perder a sua raiz e sua essência. Viva o rap de Mangabeira!

## Amoradia

Pertnaz

Eu também quero o meu lugar  
Uma casa pra morar...  
Sem ter que ficar devendo  
A vida toda pra pagar...

E com esse teto eu faço um lar  
Habitação popular...  
Recebo toda família  
E quem mais quiser chegar

Vizinho do preconceito  
O descaso virou síndico  
Papelão é cama de rua  
Na calçada do condomínio

Entre ratos e baratas...  
Doutores e empresários  
Será que você conhece  
Quem vive ao seu lado

Andando em círculos  
Demarcando o território  
Burocracia que nos impede  
De ter algo que é nosso

Seja por direito  
Ou usando o bom senso  
É tanto chão no mundo  
Que eu juro não entendo

Palafita que equilibra  
Aonde dorme uma criança  
A parede do barraco é preta  
Porque é feita de lona...

Sessenta metros quadrados  
É mansão pra quem paga aluguel  
Me ajuda...  
Meus Deus do céu...

Amoradia...  
Amor um dia...  
Meu canto pra voltar...  
E encontrar minha vida...

Nesse pedaço de chão  
Vou guardar minha história  
Agradecer pelo o pão...  
Botando fé na melhora...

Ver cada ano passar  
E a gente envelhecer  
Nesse pedaço de chão  
Tudo vai acontecer

Minha filha vai crescer  
Nesse pedaço de chão...  
E cada momento incrível...  
Ficará no coração...

Tem amor... Tem paixão...  
Tem janela... Tem portão...  
Pra chegar ou pra sair...  
Nesse pedaço de chão...

Também vou me ajoelhar...  
E lembrar de quem não tem...  
E na minha oração...  
Desejar um lar pra alguém...

Que assim como eu...  
Não teve pra onde ir...  
Muitos encontram na rua...  
Um lugar pra dormir...

Eu sei que custa sonhar...  
Sem perder a esperança...  
Mas quanto vale um teto  
Pra dois adultos e uma criança...

Construir suas vidas...  
No endereço certo...  
Amoradia...

Amoradia...  
Amor um dia  
Meu canto pra voltar  
E encontrar minha vida

Amoradia  
Amor todo dia...  
Meu canto pra voltar  
E encontrar minha vida



Aponte a câmera do seu  
telefone celular para  
o QR Code e ouça 'Amoradia'

# Compreensão:

O eu lírico descreve o seu desejo de adquirir uma casa para morar, reforçando o seu ensejo de não passar tanto tempo para quitar.

Depois, a ideia de habitação popular é passada com o intuito de acolher toda família e outros que precisem. Habitação Popular – programa que promove a urbanização, prevenção de situações de risco e regularização de assentamentos.

Na sequência, o descaso é enxergado de forma tão escancarada, que chega a estar numa pequena distância, e, ao mesmo tempo, é associado com a frieza de um síndico, já que o lugar de dormir do pobre é metaforizado numa realidade dura, ou seja, o indigente usa o papelão como cama e dorme na calçada enquanto a sociedade o observa de forma invisível.

O questionamento ronda o eu lírico acerca da dura realidade, e faz o paralelo entre autoridades e poder público para tentar entender quem é quem.

Mesmo tendo direitos e batalhando, na visão do eu lírico, o pobre passa por

maiores vicissitudes devido a tantos trâmites administrativos, em outras palavras, a parte burocrática impossibilita seus direitos.

O eu lírico se questiona mais uma vez o seu merecimento, e, ao mesmo tempo, o critério pelo fato de existir tanta terra, que nem mesmo consegue compreender seus contratemplos.

A dura realidade é associada a uma casa de palafita onde o sonho infantil se apega, fazendo a junção a um lugar malconservado, melhor dizendo, o barraco de lona preta é associado a uma parede (não existe parede no barraco para fazer a divisória e a lona preta metaforiza a parede).

Com a aspiração de sair da mesmice e adquirir um lugar próprio, o eu lírico faz a alusão a uma moradia de sessenta metros quadrados para pagar aluguel associado a uma mansão, ao mesmo tempo, faz a súplica por ajuda.

Amoradia – citação criada como um neologismo de amor + moradia, afiliado com o desejo de amor um dia numa forma de cantar para regressar e reaver a sua existência.

A descrição da melhoria de vida é exposta de maneira positiva no lar, quando o eu lírico agradece sua trajetória, o alimento do dia a dia, observando o tempo passar e tudo ocorre vendo a primogênita crescer, e os acontecimentos permanecendo em seu âmago.

Demonstrando sua satisfação pela conquista do lar, cada canto é descrito de forma espontânea com o sentimento de possuir um lugar digno de viver. Depois, a lembrança em rezar e pedir pelos que não possuem um lar, ronda seu pensamento, pelo fato de ter vivido a mesma situação.

Mesmo sabendo toda forma árdua para obter seu lar, o eu lírico dá ênfase ao desejo em duas palavras-chave: “sonhar” e “esperança”. Seria a maneira de ter a dimensão do valor do lugar. Exemplo: “Para dois adultos e uma criança...” como uma maneira de prosperar no lugar certo.

No final, o eu lírico destaca no refrão “Amor um dia” e depois “Amar todo dia”, no desejo de amar diariamente em um lar permanente.



Destaque no movimento rap de João Pessoa, Pertnaz canta e interpreta a vida cotidiana em suas músicas

FOTO: DIVULGAÇÃO

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro ‘Eu Lírico’ (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).



**João Batista de Brito**  
brito.joaobatista2@gmail.com

# Filmes maiores que o cinema



FOTO: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA

Ricciotto Canudo cunhou a expressão “Sétima Arte” por entender que o cinema era a soma das seis outras artes

Cinéfilos ou espectadores comuns, profissionais ou amadores, estamos, todos nós, acostumados à ideia de que o cinema seja uma arte.

Sim, a expressão “Sétima Arte” deixou de ser polêmica faz tempo. E veja que foi formulada, pela primeira vez, mais de um século atrás. Foi em 1911 que o pensador italiano, teórico e crítico das artes, Ricciotto Canudo a concebeu, defendendo o argumento de que o cinema constituía uma soma das seis outras artes e, nisso, tinha sua natureza própria, sua especificidade.

Formulado numa época em que, com menos de uma vintena de existência, o espetáculo filmico era confundido com o vaudeville e o circo, o conceito de Canudo poderia ter sido refutado pelo tempo e esquecido. Não foi.

Porém, com certeza não foi qualquer filme que, ao longo do século 20, pôde sustentar e consolidar esse conceito de arte para o cinema. Um bom exercício de história da Estética seria o de imaginar quais filmes teriam garantido a permanência desse conceito.

Aqui adianto uma sugestão. Suponhamos que nos seja dada a tarefa de elencar, digamos, um certo número de filmes que, no decorrer da história do cinema, teriam endossado o conceito de Canudo, e com os quais ele concordaria, se não tivesse falecido em 1923.

Proponho aqui 20 títulos dessas obras que, em contraponto ao mero cinema de entretenimento, seriam “fil-

mes maiores que o cinema”. Cito-os em ordem cronológica, seguidos do ano de lançamento, diretor e nacionalidade. Chamo apenas a atenção para o fato de que minha seleção é de ordem estritamente crítica, e não pessoal. Em outras palavras, não são necessaria-

mente os filmes que mais amo, e sim, os que, pela inegável qualidade, imagino que cumpram o papel de sustentar os pilares desse templo abstrato, chamado Sétima Arte. Naturalmente o leitor fica à vontade para discordar ou fazer acréscimos.

INTOLERÂNCIA	1916	D. W. Griffith	EUA
O ENCOURAÇADO POTEMKIN	1925	Sergei Eisenstein	URSS
NAPOLEÃO	1927	Abel Gance	França
TABU	1931	F. W. Murnau	ALE/EUA
LIMITE	1931	Mário Peixoto	Brasil.
CIDADÃO KANE	1941	Orson Welles	EUA.
CREPÚSCULO DOS DEUSES	1950	Billy Wilder	EUA.
VIAGEM A TÓQUIO	1953	Yasujiro Ozu	Japão
OS SETE SAMURAI	1954	Akira Kurosawa,	Japão
RASTROS DE ÓDIO	1956	John Ford	EUA
MORANGOS SILVESTRES	1957	Ingmar Bergman	Suécia
UM CORPO QUE CAI	1958	Alfred Hitchcock	EUA
O ANO PASSADO EM MARIENBAD	1961	Alain Resnais	França
O LEOPARDO	1963	Luchino Visconti	Itália
ZORBA, O GREGO	1964	Michael Cacoyannis	Grécia
2001 – UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO	1968	Stanley Kubrick	EUA
O PODEROSO CHEFÃO	1972	Francis For Coppola	EUA
AMARCORD	1973	Federico Fellini	Itália
O BAILE	1983	Ettore Scola	FRA/ITA
ASAS DO DESEJO	1987	Wim Wenders	Alemanha

**João Batista de Brito** é escritor e crítico de cinema e literatura.  
Mora em João Pessoa (PB).

# Parahyba

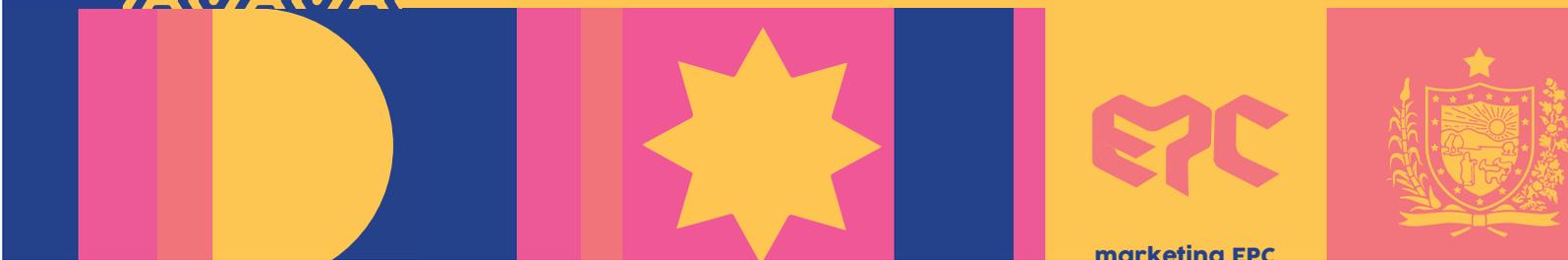
103.9fm



COMO VOCÊ  
NUNCA  
OUVIU



acesse com o qr code



marketing EPC

A vida  
**acontece**  
com  
o Sesc

A vida **acontece**  
com educação,  
saúde, cultura,  
lazer e assistência.

**Sesc**  
Fecomércio  
Senac